



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS - UFT
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA
PROF-FILO**

ODERLANI VIEIRA DA SILVA

**EXERCÍCIOS FILOSÓFICOS: PRÁTICA DE APRENDIZAGEM NUMA
PERSPECTIVA CÍNICA**

Palmas
2023

ODERLANI VIEIRA DA SILVA

**EXERCÍCIOS FILOSÓFICOS: PRÁTICA DE APRENDIZAGEM NUMA
PERSPECTIVA CÍNICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Tocantins, como parte integrante para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Filipe Ceppas.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- S586e Silva, Oderlani Vieira da .
Exercícios Filosóficos: Prática de aprendizagem numa perspectiva cínica . /
Oderlani Vieira da Silva. – Palmas, TO, 2023.
68 f.
- Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Mestrado)
Profissional em Filosofia, 2023.
- Orientador: Filipe Ceppas de Carvalho e Faria
1. Cadernos de Notas. 2. Cínismo. 3. Ensino de Filosofia. 4. Modo de Vida.
- I. Título

CDD 100

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

ODERLANI VIEIRA DA SILVA

**EXERCÍCIOS FILOSÓFICOS: PRÁTICA DE APRENDIZAGEM NUMA
PERSPECTIVA CÍNICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Filosofia da Universidade Federal do Tocantins, como parte integrante para a obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Aprovado em: 20/03/2023

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Filipe Ceppas de Carvalho e Faria
Orientador e Presidente da Banca



Documento assinado digitalmente
RAFAEL MELLO BARBOSA
Data: 11/08/2023 14:55:34-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Rafael Mello Barbosa
Membro Externo



Documento assinado digitalmente
ALESSANDRO RODRIGUES PIMENTA
Data: 11/08/2023 12:34:24-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Alessandro Pimenta
Membro Interno

O filósofo constrói sua liberdade, fabrica sua autonomia peça por peça, momento por momento, pacientemente.

Horácio

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família pela força e pelo apoio, ao meu irmão, minha irmã, ao meu pai que incansavelmente me apoiou e minha querida mãe que sempre esteve ao meu lado.

A Camila Coruja por todo carinho, apoio e ajuda, que muito contribuiu para a realização deste trabalho.

Ao meu orientador Prof. Dr. Filipe Ceppas, por seus ensinamentos, suas orientações. Sua grande contribuição e pela paciência em ler e reler os textos para que esse trabalho acontecesse.

Agradeço aos responsáveis pelo Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO por me proporcionar a oportunidade de desenvolver esta pesquisa e o meu aperfeiçoamento profissional e pessoal.

A todos os professores do Mestrado, pelo estímulo, por todo conhecimento construído ao longo desse trajeto.

Aos colegas de turma, com os quais aprendemos a lidar com as diferenças e crescer no diálogo, nos debates e nas dificuldades.

Aos meus amigos sinceros e a todos que de forma direta ou indireta foram cúmplices na busca de conhecimento.

RESUMO

Esta pesquisa tem como público alvo estudantes do Ensino Médio, com o objetivo de contribuir com uma prática de aprendizagem para o ensino de Filosofia. A pesquisa tem como meta exercícios filosóficos que se formulam através do arcabouço teórico da Filosofia Cínica da Grécia Antiga. Tais exercícios se dão na relação professor-aluno no âmbito da sala de aula e se configuram através de práticas de leitura e escrita de textos de filosofia. Como resultado, os alunos deverão expressar-se através da produção de diários, chamados *Cadernos de Notas*, como produto desta dissertação, pelo Mestrado Profissional em Filosofia – PROF-FILO. A proposta é que a utilização desses cadernos possa contribuir para a assimilação dos conteúdos filosóficos e ajudar no processo reflexivo dos estudantes. A utilização dos cadernos de notas como ferramenta do ensino e aprendizagem busca dinamizar e trazer para a vida dos estudantes a problematização para além da sala de aula.

Palavras-chaves: Cadernos de Notas. Cinismo. Ensino de Filosofia. Modo de Vida.

ABSTRACT

This research has high school students as its target audience, with the aim of contributing to a learning practice for the teaching of Philosophy. The research aims at philosophical exercises that are formulated through the theoretical framework of the Cynic Philosophy of Ancient Greece. Such exercises take place in the teacher-student relationship within the classroom and are configured through practices of reading and writing philosophy texts. As a result, students will have to express themselves through the production of diaries, called Notebooks, as a product of this dissertation, by the Professional Master in Philosophy - PROF-FILO. The proposal is that the use of these notebooks can contribute to the assimilation of philosophical contents and help in the students' reflective process. The use of notebooks as a teaching and learning tool seeks to streamline and bring problematization beyond the classroom into the students' lives.

Keywords: Notebooks of Notes. Cynicism. Philosophy Teaching. Lifestyle.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 O CINISMO NA ANTIGUIDADE.....	11
1.2 Antístenes o primeiro cínico?.....	15
1.3 Diógenes e a personificação do cão.....	19
1.4 Crates.....	23
2 CUIDADO DE SI.....	25
2.1 Exercício disciplinado, <i>áskeis</i>	31
2.2 <i>Autárkeia</i>	38
3 A IMPORTÂNCIA DE LER OS TEXTOS FILOSÓFICOS.....	40
3.1 Prática de escrita: os cadernos de notas estóicos (<i>Hypomnémata</i>).....	43
3.2 A relação professor e aluno no âmbito do ensino e aprendizagem.....	47
3.3 Postura de vida cínica.....	51
3.4 Caderno de notas dos estudantes (produto da pesquisa)	55
3.4.1 Intervenção.....	57
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
ANEXOS.....	68

INTRODUÇÃO

A importância da filosofia para a vida e a formação humana é inegável, tendo em vista seu teor crítico, questionador e reflexivo acerca da história e da atual situação da humanidade. Por esse motivo, é necessário pensar novas práticas que permeiem o seu saber, ou seja, práticas de aprendizagens alternativas que possam contribuir para o ensino de filosofia nas escolas.

No primeiro capítulo, faremos uma descrição histórica do surgimento da filosofia do cinismo, assim como alguns dos seus maiores representantes que disseminaram o seu legado na história humana. Nos deteremos um pouco mais no filósofo Diógenes, visto que foi o seu maior expoente e aquele que personificou a filosofia cínica como a filosofia do cão.

No segundo capítulo, vamos tratar de alguns conceitos fundamentais do pensamento e da prática de vida cínica. De como o cuidado de si pode nos ajudar a despertar a consciência para uma vida mais feliz e duradoura. Essa mesma consciência e esse cuidado perpassam a autossuficiência, que tem como meta adquirir uma espécie de “armadura” que contrasta com o *nómos*, isto é, as convenções e os valores que a sociedade busca sem fazer uma reflexão prévia de seus eventuais aspectos nocivos.

No terceiro e último capítulo, vamos abordar sobre a importância da leitura dos textos de filosofia, e como essas leituras podem contribuir para uma melhor prática da escrita, tendo como exemplo os cadernos de notas (*hypomnémata*) que os filósofos estoicos usavam para fazer anotações de suas reflexões filosóficas. Neste capítulo, destacamos também a importância da boa relação do professor e aluno em sala de aula, visando um melhor aproveitamento da disciplina escolar. Também ressaltamos a importância de se ter uma postura cínica perante o mundo, ou seja, uma postura crítica e racional. Por fim, damos ênfase à uma práxis desenvolvida para uso e intervenção em sala de aula, através da escrita dos “diários”, isto é, os cadernos de notas produzidos pelos próprios estudantes através da prática de aprendizagem na perspectiva cínica.

1 O CINISMO NA ANTIGUIDADE

Delimitar o surgimento do cinismo clássico na antiguidade como um ponto referencial e temporal na história da filosofia requer um estudo antropológico aprofundado da história do povo grego e não só isso, é preciso conhecer também como os povos vizinhos se relacionavam, mantinham contatos comerciais, culturais e mesmo bélicos com os helenos, os assim chamados “povos bárbaros”, ou seja, povos não gregos, estrangeiros. Isto porque o contato que os primeiros cínicos tiveram com outros povos e suas influências pode esclarecer muito sua historicidade, filosofia e modo de vida.

É possível que os primeiros cínicos tenham tido contato com os *gymnosofistas*¹ da Índia e outros povos primitivos². Sabemos que poucas fontes foram preservadas e isso torna o estudo ainda mais desafiador.

Como é sabido, o relato mais antigo que temos do movimento cínico consta da obra *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres* de Diógenes Laércio, cerca de quatro séculos mais tarde de seu aparecimento como “doutrina” filosófica na Grécia antiga. Em todo caso, podemos dizer que o cinismo aparece como movimento filosófico em três momentos na história humana: (1) o cinismo antigo do século IV ao século III a.C; (2) a sua recepção no Império Romano do século I d.C. à Antiguidade tardia³ e (3) o cinismo contemporâneo proposto por autores como Peter Sloterdijk, em sua obra *Crítica da Razão Cínica*, e Michel Onfray, com o qual dialogaremos nesta dissertação⁴.

No período helenístico (ca. 323-331 a.C.), o cinismo parece surgir na Grécia quando o ideal grego de comunidade já não consegue mais esconder o seu declínio, momento em que a glória e os refinamentos dessa civilização altamente desenvolvida, já revelava sintomas de decadência, onde as estruturas religiosas, políticas e éticas que sustentou o apogeu desse povo

¹ Sábios místicos da Índia que andavam nus com o propósito de levar uma vida asceta ao extremo.

² “Muito antes de eles (os cínicos) entrarem em cena, os gregos já estavam familiarizados com a ideia de *Hemikynes* (semi-cães) ou *Kynokephaloi* (cabeças de cão) que viviam (de acordo com a maioria dos relatos) nas regiões remotas da Índia. David White, autor de *Myths of the Dog-Man*, sugeriu recentemente que essas curiosas criaturas podem ter ajudado a dar origem ao elemento canino na denominação ‘cínico’” (Branham e Goulet-Cazé, 2007, p. 148-149).

³ Segundo Branham e Goulet-Cazé (2007), essas duas correntes foram separadas por um declínio do cinismo durante os séculos II e I a.C.

⁴ É importante ressaltar que no decorrer da história do pensamento surgiram uma gama de filósofos subversivos e considerados marginais ou de alguma maneira cínicos e hedonistas. “Aristipo de Cirene (435-366 a. de C.) os filósofos da escola chamados cirenaicos, Diógenes de Sínope (414-323 a.C.), e os cínicos, Gassendi (1592-1655) e os libertinos, La Mettrie (1709-1751), Diderot (1713- 1784), Helvecio (1715-1771) e os materialistas, Charles Fourier (1772-1837) e os utopistas, Raoul Vaneigem (nascido em 1934) e os situacionistas, etc” (ONFRAY, 2007, p.24). Tradução nossa.

heroico encontravam-se em fragmentos. Uma Grécia na qual o esplendor e formação da *areté*⁵ de um tipo nobre tornara-se coisa do passado e seus valores já estariam à beira do abismo, em derrocada. Com o declínio desse homem virtuoso voltado inteiramente para o cuidado da *pólis*, o individualismo e o cuidar de si emerge inevitavelmente como objeto de estudo da filosofia em voga. E o cinismo se estabelece entre os gregos como uma *tékhne*⁶ capaz de guiar o homem à felicidade e libertá-lo da angústia que sofre em função do declínio da *pólis*.

As razões pelas quais uma nova ideologia surge num determinado momento e lugar e se torna influente são complexas e obscuras. Ainda de acordo com Branham e Goulet-Cazé (2007), uma abordagem completa teria de considerar muitos outros fatores, por exemplo: demográficos, sociais e culturais. Seja como for, é possível dizer que a tradição do cinismo tem suas raízes na filosofia socrática, e que é também uma das tradições mais influentes e notáveis deixada por Sócrates.

A origem da palavra cínico – literalmente, “à maneira de um cão”⁷ –deixa bastante explícito o modo de viver de um filósofo dessa corrente. Assim, “É verdade que o cínico se orgulha de imitar os cães mais ousados e incisivos.”⁸ (ONFRAY, 2002, p. 36). O cínico procura viver de acordo com a natureza (*phýsis*)⁹, sem pudor e indiferente às normas sociais estabelecidas (*nomos*)¹⁰. “Sua rejeição deliberada da vergonha, a base da moralidade grega tradicional, autorizava-os a adotar modos de vida que escandalizavam a sociedade, mas que

⁵ “Esse termo, como em latim *virtus*, possui duplo sentido: físico e moral. Por isso, para certos etimologistas, deriva de **áres** que, quando nome próprio, designa o deus da guerra (o Marte dos latinos) e, quando substantivo comum, significa combate e coragem. Da raiz **ar-** tem-se **áristos** / ἄριστος: valente, valoroso, mas também **ársen** / ἄρσην: varão, viril, forte, corajoso; e, provavelmente, **árkho** / ἄρχω, comandar, deter o poder; e **arô** / ἄρῶ: semear, fecundar (donde: instrumentos aratórios). A virtude, portanto, no sentido moral é força da alma tendente ao bem” (GOBRY, 2007, p. 25). Vejamos também: “O tema essencial da história da formação grega é antes o conceito de *areté*, que remonta aos tempos mais antigos. [...] como expressão do mais alto ideal cavaleiresco unido a uma conduta cortês e distinta e ao heroísmo guerreiro [...] é no conceito de *areté* que se concentra o ideal de educação dessa época” (JAEGER, 1994, p. 23).

⁶ Atividade humana que, em vez de se dobrar às leis da Natureza, permite que o homem aja segundo sua própria natureza (GOBRY, 2007, p. 142).

⁷ A palavra *cinismo* nos remete à palavra grega *kúov*, cujo significado é “cão”. Cínicos ou “*kúvukoi*” seriam os filósofos caninos. “Há duas etimologias concorrentes. De acordo com uma delas, a palavra vem do ginásio em que Antístenes costumava ensinar, o Cinosarges, dedicado a Hércules (que viria a se tornar um protocínico lendário). [...] A segunda etimologia é bem mais plausível: ela remonta a uma piada que comparava Diógenes (ou Antístenes) a um cão, presumivelmente porque o seu modo de vida assemelha-se ao de um cão – ou seja, era cínico” (BRANHAM e GOULET-CAZÉ, 2007, p. 14).

⁸ Tradução nossa.

⁹ “Natureza universal. Se, materialmente, o mundo é um Todo, um conjunto, a Natureza apresenta-se, formalmente, como a Ordem do mundo, como a lei que regra os fenômenos e a alma que vivifica o corpo” (GOBRY, 2007, p. 115).

¹⁰ Costume, hábito, costume com força de lei, maneira de agir, conduta. “A lei, iniciativa do homem, opõe-se à natureza. De fato, entre os autores gregos, a lei não é efeito de uma causa universal e necessária dos fenômenos naturais, mas sim de uma regra social imposta pelos governantes” (GOBRY, 2007, p. 96).

eles viam como 'naturais'" (BRANHAM e GOULET-CAZÉ, 2007, p. 15). O cinismo aparece na antiguidade como um escândalo aos valores tradicionais, escândalo em forma de verdade. A verdade no agir, na conduta diária da vida prática, cotidiana, num refletir ativo, consciência viva. Mas não só isso, pois o cínico também apresenta a verdade como fala, isto é, no dizer a verdade, verdade sem amarras, sem pudor, fala com toda liberdade possível. Ele se manifesta na ação e no dizer sempre a verdade, numa *parrésia*¹¹. Quando perguntaram à Diógenes de Sinope¹² qual era a coisa mais bela entre os homens, ele respondeu: “A liberdade de palavra” (D.L. VI.69).

O cinismo surgiu também como uma espécie de ruptura ética dos valores sociais, porque rejeitava o que os homens consideravam as condições indispensáveis da vida em comunidade, a propriedade, a honra, o governo, a política e as posses¹³. Do mesmo modo, os cínicos desprezam a moral estabelecida como verdade e fogem das convenções, dos costumes, isto é, das leis (*nomos*) e qualquer modismo social, em razão de que agem para fortalecer a sua singularidade. “Rejeitar a moda implica também não sacrificar à singularidade do momento e às práticas massificadas e, ao mesmo tempo, preservar e afirmar a singularidade.”¹⁴ (ONFRAY, 2002, p.46).

Fugindo de viver uma vida de acordo com tais convenções, o cínico aparece como aquele sujeito que não procura uma posição estável na comunidade, não necessita de uma casa, de família, rejeita de forma radical qualquer conforto material e vê na liberdade sua manifestação mais autêntica da felicidade. Tal maneira de viver era oposta inclusive à maneira de viver de outros filósofos, dando ao filósofo cínico uma característica ainda mais original.

O modo de vida cínico opõe-se de maneira espetacular não só ao dos não filósofos, mas mesmo ao dos outros filósofos. Estes, com efeito, apenas se diferenciam de seus concidadãos em certos limites, por exemplo porque consagram sua vida à investigação científica, como os aristotélicos, ou porque levam uma vida simples e retirada, como os epicuristas (HADOT, 2014, p. 162).

¹¹ “Forma do dizer-a-verdade (dizer a verdade aos outros, a si mesmo, sobre si mesmo e dizer a verdade sobre os outros), verdadeira vida e jogo do dizer-a-verdade” (FOUCAULT, 2011, p. 142).

¹² Neste trabalho nos referimos ao filósofo Diógenes de Sinope tanto como Diógenes, o cínico ou simplesmente Diógenes, diferenciando-o assim do doxógrafo Diógenes Laércio, que sempre será referido pela abreviatura “D.L.”.

¹³ “Os cínicos haviam tido sucesso em mostrar que muitos valores convencionais eram vulneráveis a um exame crítico” (BRANHAM e GOULET-CAZÉ, 2007, p. 56).

¹⁴ Tradução nossa.

Os primeiros cínicos aparecem na comunidade grega como filósofos que não construíram escolas no sentido tradicional e institucional da palavra, embora encontremos resquícios de que eles produziram livros, obras e textos; sua filosofia partia menos de textos escritos do que do discurso oral para ensinar, como fizeram outros filósofos.

Para ser claro, aos cínicos faltava uma estrutura organizacional. Eles não possuíam bastiões de qualquer tipo – prédios ou lugares – onde eles ensinassem ou promovessem a filosofia deles ou onde praticassem o modo de vida deles, em contraste distinto com a academia de Platão, o liceu de Aristóteles, o jardim de Epicuro ou a stoa (pórtico) de Zenão. Eles não tinham um líder ou representante cuja liderança direcionasse as atividades da escola ou que fosse proprietário dos ativos da escola. E não menos significativamente, novamente em contraste com outras escolas, os cínicos não possuíam um corpo central de ensino: muitos cínicos escreveram livros, claro – Diógenes Laércio lista um notável número deles – mas nenhuma combinação para formar um currículo mínimo que fosse usado por professores diferentes em lugares diferentes e em diferentes tempos (em completo contraste com as obras de Crisipo, digamos, utilizado pelos estóicos para ensinar um programa padronizado) (SEDDON & YONGE, 2008, p. 25 *apud* MATSDOR, 2016, p. 85).

Eles também não sistematizaram seus pensamentos numa doutrina¹⁵, num dogma, mas na sua forma real de vida.

Na tradição platônica, aristotélica e estóica, filósofos referiam-se principalmente a uma doutrina, texto, ou pelo menos a alguns princípios teóricos da filosofia deles. Na tradição epicurista, os seguidores de Epicuro referem-se a uma doutrina e ainda ao exemplo pessoal dado por Epicuro – o qual todo epicurista tentava imitar. Epicuro originou a doutrina e era também uma personificação dela. Mas agora, na tradição cínica, as principais referências para a filosofia não são textos ou doutrinas, mas as vidas exemplares. Exemplos pessoais também eram importantes em outras escolas filosóficas, mas no movimento cínico – onde não existiam textos estabelecidos, nenhuma doutrina assentada ou reconhecida – referências eram sempre feitas a certas personalidades reais ou míticas que eram tomadas como fontes do cinismo como um modo de vida. Tais personalidades eram o ponto inicial para a reflexão e o comentário cínico (FOUCAULT, 1983, p. 03).

Diógenes Laércio faz alusão sobre os cínicos não procurarem em textos escritos qualquer experiência filosófica, mas sim em experimentá-la em sua própria vivência. Um exemplo é quando Hegesias¹⁶ pede à Diógenes que este lhe mostre um de seus escritos com o intuito de aprender sobre as coisas da vida, Diógenes o rechaça dizendo: “És um tolo, Hegesias;

¹⁵ Embora Diógenes Laércio atribua alguns escritos à Diógenes de Sinope e outros filósofos cínicos posteriores, (com exceção de Antístenes no qual veremos mais detidamente adiante) tudo indica que eles não tenham sistematizado seus pensamentos em uma doutrina filosófica específica. O fato de tais obras não terem chegado até nós deixa o assunto obscuro. Porém, acreditamos que seja possível fazer uma abordagem do aspecto retórico de tal movimento filosófico que, aliás, será um dos temas do nosso próximo capítulo.

¹⁶ Discípulo de Diógenes, cujo apelido era “Coleira”.

preferes os figos secos reais, e não os pintados, porém queres adquirir a prática de vida nos livros, e não na realidade cotidiana” (D.L. VI.48). O que Diógenes quis demonstrar é que a filosofia não se mede somente por sua capacidade cognitiva, ou melhor, por sua capacidade erudita, por uma educação somente teórica, mas também pela sua prática filosófica, sua maneira de agir, filosofia da harmonia do intelecto com a ação prática¹⁷. As críticas feitas pelos filósofos cínicos contra diversos filósofos e aos modelos convencionais de ensino se estendeu por grande parte da antiguidade. A ideia de uma formação em que não se prioriza a realidade concreta da vida tem pouco ou nenhum valor substancial para esses filósofos.

Todavia, isso não significa que tais pensadores não tivessem dado o devido valor ao pensamento e a escrita, à consciência e ao intelecto. Pelo contrário, pois justificaram em suas próprias vidas a conduta correta, e muitos deixaram escritos para a posteridade, embora para nossa infelicidade pouquíssimos fragmentos tenham sobrevivido ao tempo. Mênimos de Siracusa, por exemplo, compôs poemas e escreveu dois livros: *Dos Impulsos* e *Exortação à Filosofia*. A Mênipos é atribuído treze livros (embora alguns autores questionem da autenticidade dos livros que se lhe atribuem), são eles: “*O Mundo dos Mortos; Contra os Físicos, os Matemáticos e os Gramáticos; Testamentos; Epístolas Fictícias como se Fossem Compostas pelos Deuses; Sobre o Nascimento de Epicuro e sobre as Reverências que lhe Prestavam os Epicuristas no Vigésimo Dia do Mês; e outros*” (D.L. VI.101). Outro cínico foi Metroclés irmão de Hiparquia e esposa de Crates, no qual Hecáton afirma que ele teria queimado suas próprias obras depois de tê-las escrito (D.L. VI.95).

Esses são apenas alguns exemplos de filósofos da corrente cínica que produziram obras, livros, textos, excertos, anedotas etc. Antístenes, Diógenes e Crates também deixaram seu legado, mas para a leitura não ficar “maçante” mencionaremos tais obras no devido momento.

1.1 Antístenes o primeiro cínico?

¹⁷ “De fato, para os cínicos, o ensino filosófico não tinha essencialmente como função transmitir conhecimentos, mas, sobretudo e antes de tudo, dar aos indivíduos que eram formados um treinamento ao mesmo tempo intelectual e moral. Tratava-se de armá-los para a vida, para que pudessem enfrentar os acontecimentos” (FOUCAULT, 2011, p.181).

O cinismo tem como iniciador desse movimento filosófico a figura de Antístenes¹⁸ (446-366 a.C.) por conta de suas conversas habituais no ginásio de Cinosarges e é considerado pela tradição como o primeiro a dobrar o manto e a ser chamado de cão.

Antístenes conversava habitualmente no ginásio de Cinosarges, a pouca distância das portas, e algumas pessoas pensam que a escola cínica derivou seu nome de Cinosarges. O próprio Antístenes recebeu o nome de ‘cão puro e simples’, e foi o primeiro, como diz Dioclés, a dobrar o manto e a vestir somente essa roupa, e usar um bastão e uma sacola (D.L. VI.13).

Antístenes aparece na história do pensamento ocidental como discípulo de Górgias com quem aprendeu o estilo retórico¹⁹, vindo posteriormente a se tornar ouvinte e aluno de Sócrates. Notemos adiante como Diógenes Laércio relata o contato que ele [Antístenes] teve com Górgias e Sócrates, assim como aquele que dá o pontapé inicial à filosofia cínica. “Inicialmente Antístenes foi ouvinte do retor Górgias, exibindo por isso o estilo retórico em seus diálogos [...] De Sócrates ele aprendeu a resistência e emulou-lhe a impassibilidade, dando início assim à filosofia cínica” (D.L. VI.1-2). A fonte escrita por Diógenes Laércio que indica Antístenes como sendo o primeiro cínico é de aproximadamente quatro séculos mais tarde. A tradição filosófica sempre considerou Antístenes como sendo o primeiro cínico. Na *Retórica* de Aristóteles²⁰, o filósofo faz menção a um “Cão”, porém ele não deixa claro que se trate de Antístenes. A passagem diz respeito a uma metáfora que Cefisódoto, um escultor, chamava trirremes²¹ de moinhos decorados, e que o “Cão” dizia que as tabernas eram as mesas comuns espartanas da Ática. Aristóteles não faz jus a nenhum nome particular. Branham e Goulet-Cazé arriscam dizer que nessa passagem da *retórica* de Aristóteles o “Cão” possivelmente é Diógenes de Sinope e explicam a metáfora da seguinte forma:

Diógenes parece estar dizendo que o equivalente ateniense do que os espartanos chamavam de refeitórios comuns militares (φιδίτια), onde seus soldados-cidadãos faziam as refeições juntos, eram as tabernas onde os atenienses se enchiam de comida e se embebedavam juntos (BRANHAM e GOULET-CAZÉ, 2007, p. 43).

¹⁸ Tradicionalmente, Antístenes tem sido descrito como o primeiro filósofo cínico. Porém, inúmeros estudos realizados recentemente sobre as origens do cinismo e sobre o caráter filosófico de Antístenes levam a crer que ele possivelmente não foi um filósofo cínico. Ver, D.R. DUDLEY, *Historia del Cinismo*, Madrid, 2017.

¹⁹ Diógenes Laércio (VI.1) cita dois diálogos onde Antístenes exhibe o seu estilo retórico, chamados de *verdade* e *exortações*.

²⁰ Cf. Aristóteles, *Retórica* (3,10; 1411a25).

²¹ A trirreme era uma antiga embarcação de guerra grega impelida por remos.

E concluem que Aristóteles conhecia apenas um cínico (seria realmente Diógenes?), como também descartam a possibilidade de Antístenes ser o fundador do cinismo.

Ele fala diversas vezes de Antístenes ou de ‘antistenianos’, mas nunca os conecta a Diógenes ou aos cínicos [...] o tratamento de Antístenes como fundador do cinismo [é] quase certamente uma invenção biográfica antiga (BRANHAM e GOULET-CAZÉ, 2007, p. 43).

A raiz da ideia de que Antístenes foi o primeiro cínico vem da tradição estoíca. Supõe-se que os estoícos atribuíram o cinismo a Antístenes para justificarem que o estoicismo vinha de uma tradição socrática.

Pode-se supor que os primeiros estoícos tenham propagado rapidamente tais histórias, determinados como estavam a associar seu fundador a Sócrates. Por essa razão eles tornaram pública a sucessão filosófica Sócrates, Antístenes, Diógenes, Crates, Zenão. (BRANHAM e GOULET-CAZÉ, 2007, p. 39).

Em todo caso, sabemos com toda certeza que Antístenes foi realmente discípulo de Sócrates e que foi um dos poucos que esteve presente nos minutos finais do mestre²².

Ainda de acordo com Diógenes Laércio, Antístenes escreveu cerca de setenta títulos divididos em dez volumes²³.

Diferentemente de cínicos posteriores, Antístenes escreveu sobre retórica e lógica, além de abordar tópicos éticos, políticos e literários [...] foi o primeiro a definir o *λόγος*; ele sustentava que havia apenas um predicado para cada sujeito, o que permitia a formulação apenas de juízos de identidade e excluía todos os juízos atributivos. Ele também defendia a impossibilidade de contradição e mesmo de expressar falsidades (BRANHAM e GOULET-CAZÉ, 2007, p. 17).

Antístenes levou a filosofia socrática tão a sério que instigava seus próprios discípulos a se tornarem ouvintes de Sócrates. Ele “[...] colheu tantos benefícios junto ao mesmo que costumava sugerir a seus discípulos que se tornassem condiscípulos de Sócrates” (D.L. VI.2). É importante ressaltar que “a tradição socrática inclui apenas os primeiros anos do cinismo, que são o tempo em que o movimento esteve diante dos fundadores das principais escolas helenísticas” (BRANHAM e GOULET-CAZÉ, 2007, p. 41).

²² Em Platão (Fédon 59b), Equécrates pergunta a Fedão quem eram aqueles que se encontravam na presença de Sócrates em seus momentos finais, e Fedão menciona Antístenes e outros.

²³ Cf. (D.L. VI.15-18).

Sócrates traz consigo duas características importantes da filosofia grega que serão enfatizadas com grande destaque na corrente do movimento cínico. A primeira delas concerne sobre a relação entre sujeito e verdade, sobre o princípio do cuidado de si (*epiméleia heautoú*) e a segunda característica sobre o dizer verdadeiro (*parrésia*), conceitos centrais no pensamento e no modo de vida filosófico da *polis* grega. Essas ideias representavam uma prática de liberdade na vida espiritual, ética e política dos cidadãos, eixo estético da arte de viver.

Para Foucault essas práticas de subjetivação do sujeito nunca estiveram separadas entre os gregos antigos.

Durante todo este período que chamamos de Antiguidade e segundo modalidades que foram bem diferentes, a questão filosófica do “como ter acesso à verdade” e a prática de espiritualidade (as transformações necessárias no ser mesmo do sujeito que permitirão o acesso à verdade) são duas questões, dois temas que jamais estiveram separados (FOUCAULT, 2006, p.21).

O cinismo de Antístenes, ou mais precisamente sua influência, dará os primeiros passos para a radicalização dessas práticas, a atenção que o cinismo dará ao cuidado de si e a prática do dizer a verdade o colocará em posição de constante zombaria e perigo de morte. A importância atribuída ao *cuidado de si* e a prática da *parrésia* exercida pelo cínico na antiguidade tomaram rumos completamente arrojados dentro da *polis* grega.

O modo de vida cínico tendo como modelo sintético a vida natural, o cuidado de si e o dizer a verdade colocará o problema ético da liberdade em uma nova abordagem de linguagem. Problema ético que trata da liberdade de ser, de agir, de se constituir e se fazer livremente dentro da comunidade.

O *nomos*, estabelecido pela comunidade grega daquele período rejeita a rebelião do cínico contra seus valores éticos, de modo a recusar qualquer status que ele possa adquirir como um sábio dentre os outros. Como podemos ver na crítica que Platão faz à Diógenes chamando-o de um Sócrates que ficou louco (D.L. VI.54). Louco ou qualquer outra coisa, mas não sábio, tampouco filósofo!

Onfray (2002, p.76) faz alusão de que o cínico não se torna sábio aceitando o papel social comum do filósofo, mas sim negando-o. “Não se torna sábio aceitando o papel de peça da engrenagem social, mas, ao contrário, torna-se sábio recusando-se a colaborar. A rebeldia é a virtude que fortalece as posições estéticas”²⁴.

²⁴ Tradução nossa.

Neste sentido Antístenes foi um grande combatente dos costumes em voga daquele período, criticava duramente a cultura grega afirmando que a mesma havia se extraviado pelos caminhos da vulgaridade, afirmou insistentemente na importância da natureza como ponto referencial para se constituir um código ético de vida. Sua importância para o movimento cínico vai muito além de meras especulações quanto a ser ou não ser o primeiro cínico. É notório o que dizem Branham e Cazé sobre a importância de Antístenes para a filosofia cínica.

[...] a principal contribuição de Antístenes para o cinismo encontra-se na distinção que ele estabelece entre natureza e cultura, dando maior importância à natureza e rebaixando a cultura ou costume. Sem esse ponto de partida, em que toda a moralidade cínica é baseada, a filosofia de Diógenes nunca poderia ter existido, nem poderia ter havido qualquer desfiguração da moeda (BRANHAM e GOULET-CAZÉ, 2007, p. 81).

Antístenes antecipou a impassibilidade de Diógenes, a moderação de Crates, a firmeza de Zênon, e estabeleceu os fundamentos da doutrina cínica.

Visto isso, passamos agora a investigar com maior atenção o aspecto desse movimento filosófico na cultura grega por intermédio daquele que foi seu maior expoente na antiguidade. Diógenes, o cão.

1.2 Diógenes e a personificação do cão

As práticas da filosofia cínica foram levadas ao extremo por Diógenes de Sinope²⁵, que nasceu por volta do ano de 414 a.C., em Sinope na costa sul do Mar Negro. Viveu parte de sua vida com seu pai Iquêsios nesse lugar. Tudo indica que teve certo conforto em sua juventude e que obteve uma boa educação; vem desses dados a suposição de seu primeiro contato com a filosofia, visto que seu pai foi banqueiro nessa cidade.

Acusado de adulterar a moeda²⁶ corrente na sua cidade natal, teve de ser exilado ou fugiu ainda jovem.

²⁵ “Sinope era uma cidade grega de origem milésia, situada no ponto central da costa meridional do Euxino (Mar Negro). O governo democrático aí estabelecido por Péricles, em 444 a.C., ainda estava em vigor no tempo em que Diógenes nasceu. Nos tempos antigos, Sinope era um porto marítimo próspero, especialmente famoso por sua cunhagem de moedas. Atualmente pertencente à Turquia, Sinope possui ruínas arqueológicas importantes de sua herança helênica, incluindo as fundações do templo de Serápis (Sarápis), que remonta à época de Diógenes” (NAVIA, 2009, p. 236).

²⁶ “A pesquisa numismática revela alguns fatos interessantes. Navia (1998, p. 23) relata que é sabido que um homem de nome ΙΚΕΣΙΟ estava mesmo responsável pela cunhagem de moedas em Sinope em algum momento

Dizem alguns autores que, tendo sido nomeado superintendente, deixou-se persuadir pelos operários, e foi a Delfos ou ao oráculo Délio na pátria de Apolo perguntar se deveria fazer aquilo a que desejavam induzi-lo. O deus deu-lhe permissão para alterar as instituições políticas, porém ele não entendeu e adulterou a moeda. Descoberto, segundo alguns autores foi exilado, e segundo outros deixou a cidade espontaneamente (D.L. VI.20).

Depois de sair de Sinope chegou à cidade de Atenas onde conheceu Antístenes, que rejeitou tê-lo como discípulo num primeiro momento por considerá-lo inapto à filosofia cínica²⁷. Antístenes não queria discípulos, mas Diógenes com muita insistência conseguiu manter-se próximo dele. Conta-se que Antístenes uma vez ergueu o bastão que usava como bengala para golpear Diógenes, e que este ao invés de fugir ofereceu-lhe a cabeça, e acrescentou: “Golpeia, pois não acharás madeira tão dura que possa fazer-me desistir de conseguir que me digas alguma coisa, como me parece que é teu dever” (D.L. VI.21), desse modo se tornou ouvinte e discípulo de Antístenes. A quem o perguntasse como ele havia alcançado a sabedoria com seu trato com Antístenes ele respondia de bom grado,

‘Ele me mostrou o que me pertencia e o que não me pertencia. A propriedade não é minha: pais, empregados, amigos, reputação, lugares familiares, relações humanas, tudo isso me é estranho. Quanto ao que lhe pertencia, ele prosseguiu dizendo: ‘O uso de representações. Antístenes me mostrou que esse uso me pertence de maneira inviolável e irrestrita: ninguém pode me impedir ou me forçar a dispor dele de outra maneira que não seja por meu capricho’²⁸ (ONFRAY, 2002, 91).

De suas influências com Antístenes, Diógenes adotou um estilo de vida modesto e simples. Ao morar nas ruas ele adquiriu um barril de argila como sua casa, passou a viver

por volta da primeira metade do 4º século a.C., e que, por volta do ano 350 a.C., uma larga proporção de moedas deterioradas e falsificadas estava de fato em circulação. Muitas moedas de Sinope daquele período mostram o selo da cidade no lado da frente e o nome do entalhador no lado reverso, e esse nome é ΙΚΕΣΙΟ, o nome que Laércio grava como o nome do pai de Diógenes de Sinope. Ademais, muitas dessas moedas mostram sinais de terem sido deliberadamente borradas ou danificadas, sugerindo a possibilidade de que alguém fez um esforço concentrado para colocar um grande número delas fora de circulação. Mais evidências quanto à possível verdade atrás de qualquer dos vários depoimentos que Diógenes Laércio oferece nesse parágrafo de abertura são tristemente escassas. A possibilidade intrigante é que Diógenes foi mesmo, de um jeito ou outro, intimamente conectado à deterioração das moedas de Sinope, se não como perpetrador, então como cúmplice ou assistente de seu pai” (SEDDON, 2010, p. 62 *apud* MATSDOR, 2016, p. 92).

²⁷ Apesar de Diógenes Laércio descrever seu encontro com Antístenes, a cronologia não parece bater. Branham e Goulet-Cazé (2007, p. 57) supõem: “Sendo cerca de quarenta anos mais jovem que Antístenes, Diógenes poderia ter tido contato próximo com ele, mas é bastante possível que nunca tenham se encontrado [...] Diógenes estaria em seus 50 anos quando foi à Grécia pela primeira vez; e não só Antístenes já estaria morto, como possivelmente também Platão, com quem a tradição biográfica o associa”.

²⁸ Tradução nossa.

somente com as coisas mais básicas e necessárias para sua existência²⁹. Com roupas esfarrapadas e sujas, melhor dizendo, um simples manto, perambulou pela cidade como um mendigo a pedir a qualquer um que lhe desse uma esmola.

Diógenes viveu aproximadamente até os 90 anos de idade. Tudo indica que ele gozou de boa saúde até sua morte em 323 a.C.³⁰. Foi na figura de Diógenes que o cinismo ganhou popularidade como movimento filosófico. Diógenes levou a filosofia do “Cão” ao extremo e personificou-a de tal maneira que até os dias de hoje seu nome é lembrado como o principal precursor do movimento cínico, aliás, o filósofo mais famoso também. O que Diógenes fazia com bastante orgulho era imitar os cães e tê-los como exemplo máximo. A educação e costumes do povo grego daquela época via no cínico uma aberração e uma violação pelo seu modo de se comportar, nosso filósofo procurava adulterar as regras, os valores, praticava meios de afrontar, desconstruir, quer dizer, desfigurar as normas impostas pela sociedade, o qual ele próprio dizia que era sua missão, “desfigurar a moeda”³¹, isto é, os valores vigentes.

O cinismo de Diógenes é principalmente uma filosofia da revolta e uma reação contra o que percebeu como o lóbrego espetáculo da existência humana. [...] Ele desafiou, rejeitou, ridicularizou, dispensou, condenou e, literalmente, desfigurou a ‘moeda’ de sua época, fixando o exemplo de como nós também devemos estar preparados para agir igualmente conforme o verdadeiro espírito cínico (NAVIA, 2009, p. 158-159).

O modo como Diógenes vivia, indo contra os costumes vigentes (*nómos*), mendigando um pedaço de pão, dormindo na rua, enfrentando todos os tipos de dificuldades e até mesmo fazendo suas necessidades em praça pública remete singularmente a um cão. Viver de acordo com a natureza (*phýsis*) e sem depender de muitas coisas pra ser feliz, fez dele um filósofo inovador e também muito criticado na sua época.

Sabemos que a prática de combater o *nómos* através da *phýsis* não se restringe somente à filosofia cínica. Filósofos hedonistas como Antífon e Aristipo já haviam declarado guerra contra o *nómos* grego em favor da *phýsis*. Ou seja, autonomia e liberdade de agir contra submissão e sujeição; leis naturais contra leis civis.

²⁹ Cf. (D.L. VI.23).

³⁰ “Em sua obra Homônimos, Demétrio afirma que Diógenes morreu no mesmo dia de Alexandre, o Grande, na Babilônia” (D.L. VI.79).

³¹ Cf. (D.L. VI.20).

Mas o que acontece com Diógenes é justamente uma potencialização dessas práticas naturais. Levando o filósofo a *emitir o tom ou nota mais alta*³² e assim persuadir para ensinar o caminho correto. As anedotas a seu respeito procuram demonstrar muitas práticas para o “caminho mais fácil para a felicidade”, um atalho, porém difícil, um modo de vida mais simples, agir em sincronia com a natureza, sem se perder através das normas impostas pela sociedade e pelas leis que acreditava serem causas de dor e sofrimento da humanidade.

Diógenes costumava afrontar as pessoas com práticas inusitadas; certa vez enquanto um público saía de um teatro depois de um espetáculo ele entrou no mesmo ambiente de costas, e quando lhe perguntaram por que fazia aquilo, ele respondeu: “Isso é o que procuro fazer em toda a minha vida” (D.L. VI. 64). Vemos nessa postura como em outras um exibicionismo intencional por parte do nosso filósofo, mas não era uma espécie de exibicionismo sem fundamento, muito pelo contrário; o exibicionismo era uma *performance* e servia como uma forma de obter a atenção dos outros, para em seguida persuadi-los a refletir sobre suas práticas, seus modos convencionais de agir e pensar, isto é, para impressionar, contradizer, combater e ensinar.

Depois de Antístenes e Diógenes a filosofia cínica se propaga rapidamente na Grécia antiga, daí o surgimento de novos engajados na filosofia do cão, como Crates, Hiparquia, Pasicles, Metrocles e outros. O movimento cínico torna-se um porta voz como a filosofia para/ou das massas como afirmam Branham e Goulet-Cazé (2007, p. 26), “O cinismo foi o único entre as tradições intelectuais clássicas ao se tornar algo como um ‘movimento de massas’” e Foucault (2011, p. 181) também argumenta: “O cinismo parece ter sido, pelo menos numa grande parte das dimensões, uma filosofia popular”. Isto é, uma filosofia que pode ser praticada por qualquer um, ou pelo menos por aqueles que têm disposição para a filosofia. Tal filosofia não se engajou como filosofia das elites como foi naquele período as filosofias de Platão e Aristóteles.

Sua influência para o mundo helenístico deu origem ao estoicismo de Zenão através de Crates que foi seu professor em Atenas. É evidente a influência que o estoicismo teve do cinismo como corrente filosófica. A maioria das escolas filosóficas da Grécia daquela época buscavam a felicidade (*εὐδαιμονία*)³³ do homem como fim último de seus sistemas, cada qual

³² “Diógenes dizia que imitava o exemplo dos instrutores dos coros; de fato, estes dão o tom mais alto para que todos os outros deem o tom certo” (D.L. VI.35).

³³ “A rigor, *εὐδαιμονία* indica a influência benéfica de um *δαίμων* (daímon), isto é, não um demônio em sentido cristão, mas uma espécie de “deidade”, que, não obstante, não leva o nome de “deus” (θεός, theós), já que não tem forma definida, nem nome, nem preside, em razão de algum atributo essencial, uma esfera do

à sua maneira, de forma que: “A filosofia ética grega propõe-se a ensinar como ser feliz e como viver para ser feliz” (BRANHAM e GOULET-CAZÉ, 2007, p. 55). Para os cínicos viver feliz está no ato prático de viver naturalmente, sem ambições materiais e pronto a enfrentar as adversidades da vida treinando sua razão e seu corpo. Julgavam que a felicidade é algo disponível para qualquer pessoa disposta a se dedicar a um treinamento físico e mental suficiente, Branham e Goulet-Cazé (2007).

Aqueles que se inclinavam ao cinismo como modo de vida filosófico se propunham a deixar para trás sua vida passada e construir um novo sujeito de si mesmo. “El cinismo filosófico propone una gaya ciencia, un alegre saber insolente y una sabiduría práctica eficaz” (ONFRAY, 2002, p. 32). As práticas que exigem do cínico uma recolocação dos seus valores são difíceis de moldar e consolidar. Diógenes Laércio nos dá uma referência de quando Diógenes ainda não havia sido tocado pela filosofia cínica, “Censurado em certa ocasião por haver falsificado dinheiro disse: ‘foi numa época em que eu era como és agora, porém jamais serás como sou agora’” (D.L. VI.56). Essa transformação que a pessoa sofre depois de seu contato com a filosofia cínica não é apenas para um momento instantâneo, ela deve servir para a vida toda, ou seja, uma transformação do sujeito como exercício permanente.

Assim sendo podemos perceber como aquele que se inclina a tal filosofia é de todo recolocado em uma nova posição ética. O mundo torna-se outro, porque o sujeito já é outro e sua maneira de ver as coisas é transformada na sua maneira de viver. Aqueles que fazem como Diógenes fez, rompem com os valores tradicionais, ou pelo menos aguça sua crítica e julgamento perante as coisas do mundo como podemos perceber o que aconteceu com Crates, Hiparquia e outros filósofos cínicos depois de Diógenes.

1.3 Crates

Crates nasceu em Tebas, foi um dos discípulos ilustres de Diógenes, a data de seu nascimento é incerta, todavia Diógenes Laércio aponta que seu apogeu foi por volta de (326

comportamento humano; por outro lado, assim como os deuses, o daímon pode ser considerado um fator “externo”, ou de alguma forma supra-humano, e tem poder para operar modificações mais ou menos fortes no estado de espírito das pessoas. Aquele que participasse da *εὐδαιμονία* estava, portanto, enquanto se mantivesse nesse estado, assinalado por uma força sobrenatural para um destino feliz. De resto, o aspecto corriqueiro que caracteriza o uso desse termo autoriza, na falta de melhor palavra, a correspondência com a expressão mais laica “felicidade”, tal como modernamente nos expressamos” (NAVIA, 2009, p. 165-166).

a.C.)³⁴. Crates adotou a filosofia cínica mesmo contra a vontade de sua família. Vindo de uma família abastada, Crates era um rico proprietário de terras em Tebas. Supõe-se que se inclinou à filosofia cínica depois de ouvir um conselho de Diógenes de que deveria vender suas posses e doá-las aos seus concidadãos, porém a veracidade desse fato não é de todo segura, uma vez que Diógenes não deixou alunos para serem seus seguidores oficiais.

Outra indicação é a de que depois de ver Télefos em uma tragédia carregando um cesto na mão e com um aspecto mendicante teria se tornado cínico³⁵. Por fim uma última versão de Diócles, “relata que Diógenes o persuadiu a abandonar seus campos para servirem de pasto às ovelhas e a lançar ao mar o dinheiro que tinha” (D.L. VI.87).

De todo modo, seja como quer que tenha sido, Crates conheceu o cinismo, seu modo de vida e sua maneira de filosofar condizem de forma bastante sincrônica com Antístenes e Diógenes. Se assim não o fosse, é bem provável que seu nome não teria sido marcado na história da filosofia se seus discursos não estivessem alinhados com a prática cínica, logo ele seria rechaçado e tido como um charlatão por seus contemporâneos.

Crates era conhecido como o abridor de portas, pois tinha o hábito de entrar nas casas dos atenienses para poder dar bons conselhos (D.L. VI.86). Sabe-se também que foi professor em Atenas, tendo como um de seus alunos Zenão, o fundador da escola estoica (já citado acima).

Ele escreveu algumas obras³⁶, como alguns versos satíricos. Branham e Goulet-Cazé afirmam que Crates disseminou os princípios do cinismo em versos satíricos atraentes.

[...] ele provavelmente fez mais do que qualquer outro para tornar o cinismo conhecido por um público muito mais amplo que o de outros filósofos. Assim, o cínico tornou-se uma figura característica da cultura helenística, contribuindo para a literatura e aparecendo nela como um *topos* (BRANHAM e GOULET-CAZÉ, 2007, p. 56).

Branham e Goulet-Cazé (2007) afirmam que Crates praticamente foi o último cínico antes desse movimento degenerar em moralização popular, em lugares comuns satíricos e pregação charlatanesca nas ruas. Tal fato se deu pela inversão dos valores cínicos, pelo adultério de sua verdadeira essência, pelo corrompimento dos seus conceitos e mesmo uma prática de discurso que não mais se alinhava com as práticas do cotidiano. O cuidado de si e as práticas de subjetivação da verdade pelo discurso da *parrésia* caíram em desuso entre os que se diziam cínicos posteriormente.

³⁴ Cf. (D.L. VI.85).

³⁵ Ibid. (D.L. VI.87).

³⁶ Ibid. (D.L. VI.85-87).

2 CUIDADO DE SI

Navia em sua obra *Diógenes, o Cínico* nos dá uma breve lista de alguns dos conceitos gregos que são identificados no cinismo e que podem servir para melhor esclarecer as principais características dessa filosofia. Estes conceitos servem como ponto referencial para se pensar a questão do cuidado de si no cinismo. Vejamos:

Destes conceitos, alguns podem ser claramente identificados: autossuficiência (autárkeia) – o cínico é auto suficiente e precisa apenas de si, sendo, portanto, capaz de dispensar o apoio provido pela sociedade humana; sem-vergonhice ou impudência (anaídeia) – não se envergonha de quebrar até mesmo as mais sacrossantas regras de decoro, quer quando as considera sem sentido, quer quando crê que, quebrando-as, pode expressar sua liberdade absoluta; indiferença (adiaforia) – não se preocupa com as circunstâncias e acidentes que lhe sobrevêm a partir do mundo e da natureza ou do mundo humano que lhe cerca e não se preocupa com coisas sobre as quais não tem controle; insensibilidade (apátheia), um conceito central também para o estoicismo – o escopo do cínico é, como explica Juliano (Or.6), fazer-se insensível ao prazer e à dor; [...] exercício disciplinado (áskeis) – ele se compromete com um programa de autocontrole que fortalece seu caráter, minora sua dependência de necessidades sociais e físicas e se permite conservar todos os seus desejos e impulsos sob o controle mais estritamente racional; força de caráter (kartería) – aspira a desenvolver em si mesmo um caráter e uma constituição física que, como as que se associam a Hércules, tornam-no inatingível pelas vicissitudes e sofrimentos que acompanham a vida humana; pobreza (penía) – compreendendo que virtude e felicidade não podem ser encontradas por meio da busca e da aquisição de bens físicos, despoja-se de tantas coisas quanto possível, conservando apenas as necessidades básicas requeridas para se manter vivo que lhe asseguram a liberdade (eleuthería), estimada por Hércules como a coisa mais preciosa do mundo (DL, 6.71); filantropia (philanthrophía) – reconhece sua obrigação moral de se fazer útil, assim como a tarefa de dissipar as ilusões que subtraem às pessoas sua capacidade de serem felizes, ou de viverem conforme a natureza, e olha para sua assistência restituidora como o mais alto dever e como uma exigência indispensável de seu chamado; e o desdém pela opinião da maioria (adoxía): ecoando a velha admoestação socrática de que a opinião da maioria tem sempre que ser ignorada, o cínico olha com desdém, ou, ao menos, com desconfiança para os valores e os costumes em vista dos quais as pessoas se orientam, inclusive aqueles incorporados nas leis e nos estatutos, renunciando à necessidade de ser honrado ou prestigiado pelos demais, já que de bom grado acolhe repúdios e insultos (NAVIA, 2009, p. 201-202).

Tais conceitos servem para ilustrar de que modo a filosofia cínica visava o próprio ser humano no mundo, isto é, de como o próprio ser deveria ir se constituindo como ser. Em outras palavras, como uma espécie de espiritualidade da qual existiam técnicas para sua própria aprimoração e constituição.

A filosofia antiga operava como uma espécie de espiritualidade, aqui a espiritualidade no sentido de cuidado com a alma, com o próprio ser, e não em uma conotação mais moderna do termo, ou seja, puramente religiosa. A forma espiritual grega estava envolvida numa produção e difusão de uma série de técnicas de subjetivação, de técnicas de si da qual se

originou do problema filosófico ético na antiguidade. Questão de verdade e de cuidado de si, isto é, verdade de si consigo mesmo e para os outros, cuidados com o corpo, alma/espírito e as faculdades intelectuais. Na antiguidade esses eram problemas evidentemente éticos e práticos.

Nesse sentido, acessar a verdade pode ser o caminho para o cuidado de si. Cuidado de si e prática da verdade estão intrinsecamente conectados na antiguidade grega. Técnicas que dizem respeito a arte de viver, de viver de modo sábio. Por intermédio de técnicas que se pautam na experiência adquirida por esses exercícios filosóficos se visa a transformação. “A filosofia antiga difere de todas as que se seguiram por propor exercícios espirituais para produzir uma transformação na natureza do sujeito que os pratica”³⁷ (ONFRAY, 2002, p. 15). Para Foucault (2011) às obras filosóficas da antiguidade não eram compostas para expor um sistema, mas para produzir um efeito formativo, o filósofo queria trabalhar os espíritos de seus leitores ou ouvintes para que se colocassem numa certa disposição para lapidar sua conduta ética.

O cuidado de si que estava implícito na filosofia cínica devia ser uma prática para a autossuficiência. “Cuidar de si é regra coextensiva à vida. [...] É o ser inteiro do sujeito que, ao longo de toda a sua existência, deve cuidar de si e de si enquanto tal” (FOUCAULT, 2006, p. 301). O real sentido da constituição do sujeito tem como finalidade a eliminação dos vícios.

Primeiramente, é importante vencer os vícios: é o princípio do domínio de si. Segundo, é importante ser firme e sereno na adversidade e na má fortuna e terceiro [...] trata-se de lutar contra o prazer. [...] O que é grande (em quarto lugar) é não perseguir os bens passageiros, mas a sabedoria *bona mens* (FOUCAULT, 2006, p. 322).

Deve-se dar atenção àquilo que prejudica a construção plena do ser, pois tais vícios acabam por prejudicar a saúde do corpo, da mente e da alma. Devemos eliminar as potências que prejudicam a boa vida, a boa saúde. De modo que o cinismo nos alerta sobre o meio social, ou melhor dizendo, as convenções sociais que direcionam o homem a praticar certos modos de vida.

Mas que perigos seriam esses do meio social? Das convenções propriamente dito? De maneira muito genérico temos as propagandas televisivas, outdoors, rádio, jornais, revistas e inúmeros outros mecanismos de informação para a grande população; neles são expostos produtos, serviços, padrões estéticos, modos de vida padronizados e quase sempre irreais de

³⁷ Tradução nossa.

serem vividos pela grande maioria da população mundial. Basta entrar nas redes sociais como, Instagram e Facebook para ser bombardeado com todo o tipo de propaganda deste teor.

A filosofia cínica neste sentido tem o papel de alertar o homem sobre o caminho perigoso que leva o sujeito à alienação e destruição. O que o cinismo busca nos alertar é que, é necessário fazermos uma crítica sobre tais modelos impostos. Em outras palavras, isto ou aquilo realmente nos torna mais felizes? Adquirir tal bem me é necessário? É viável seguir determinado modelo estético? Etc.

As teorias e práticas de que falamos devem buscar colocar o sujeito nesse campo de interrogação. Pensar sobre si mesmo é pensar sobre o mundo. Na antiguidade tais teorias só tinham real valor se fossem colocadas na vida de forma prática. Os cínicos não viam com bons olhos as pessoas que falavam sobre filosofia e teorizaram sobre determinadas práticas, mas que não faziam jus à sua própria conduta cotidiana. Julgavam que o cuidado deveria ser praticado por todos, sem distinção política, financeira, religiosa ou qualquer outra que fosse.

O cuidado que cada um deveria ter consigo mesmo era necessário para o bem da *polis* grega, mesmo que cada um praticasse tal cuidado, era no conceito de *parrésia* que tal prática tinha fundamentação na constituição desse sujeito prático, o discurso retórico era alicerçado na verdade e só seria válido se fosse exercitado (*áskesis*) na *polis*, ou seja, a *polis* grega era o lugar onde as práticas parresiásticas era colocada em ação. O tipo de subjetivação que a *parrésia* implica é justamente um risco para o próprio sujeito, melhor dizendo, para aquele que pratica determinado discurso verdadeiro.

O cinismo parece ter feito uma crítica sobre a própria relação desses sujeitos com o modo de vida apropriado para a *polis*, isto é, uma vez que se concentravam em cuidar de si mesmos como código ético/moral. Esse cuidado de si era entendido como um governo de si mesmo, uma autonomia de si mesmo.

Vejamos como exemplo um dos aspectos de autossuficiência de Diógenes e de sua missão de ajudar e “conduzir o outro”, exemplo de uma vida soberana, aquele que conduz seu próprio caminho, de modo que esse cuidado de si leva o sujeito a ter uma vida soberana no qual o capacita a ter uma visão mais altruísta. Diógenes tem em relação ao outro uma postura de conselheiro, tende a ajudar e dar o exemplo. Sabemos que Diógenes tem um dever a cumprir, ou seja, de ajudar os outros a saírem dos vícios pelos quais estão entorpecidos.

Diógenes ao adquirir esse aspecto de autossuficiência, que foi adquirido por cuidar de si mesmo, transforma-se numa espécie de rei, ou em algo maior que um rei, pois tem a capacidade de conduzir a sua vida e a dos homens ao seu redor. “O cínico é o único rei

verdadeiro. E, ao mesmo tempo, em relação aos reis da terra, aos reis coroados, aos reis sentados no trono, ele é o antirrei, que mostra quanto a monarquia dos reis é vã, ilusória e precária” (FOUCAULT, 2011, p. 242). Vê-se que Diógenes ataca a monarquia dos homens com outra espécie de monarquia, isto é, com a sua soberania.

Uma passagem muito importante da vida de Diógenes é seu encontro com Alexandre Magno, em que o imperador no auge da sua glória decide ir visitar o filósofo. Por um lado, neste encontro Alexandre apresenta-se a Diógenes como soberano, um soberano que tem coragem de ir enfrentar o outro face a face. Mas logo se percebe em Alexandre uma soberania que não depende só dele mesmo, pois não forjou sua soberania de dentro para fora, isto é, cuidando de si mesmo. Para Alexandre sua soberania se dava por bens materiais, posses, exércitos e posição política. Contrário a isso, Diógenes possuía somente a liberdade de possuir a si mesmo (*autárkeia*), não era dono de nada, não tinha posição política, tampouco um exército. Foucault nos mostra de maneira clara essa diferença entre esses dois tipos de soberania e autossuficiência. Vejamos a citação abaixo:

Alexandre é um rei, um rei da terra, um rei dos homens, um rei político. Mas, para assegurar essa monarquia e poder exercê-la ele é obrigado a depender, e depende efetivamente de algumas coisas para exercer sua monarquia: precisa de um exército, precisa de guardas, precisa de aliados, necessita inclusive de uma armadura (ele se apresenta com sua espada). Já Diógenes, para exercer sua soberania, não necessita de estritamente nada. Está nu diante de Alexandre, está em sua barrica, não dispõe de nada, não tem nem exército, nem corte, nem aliados, nem o que quer que seja. A monarquia de Alexandre, é portanto uma monarquia bem frágil e bem precária, pois depende de outra coisa. A de Diógenes, ao contrário, é uma monarquia que não pode ser desarraigada e que não pode ser derrubada, porque, para exercê-la, ele não necessita de nada (FOUCAULT, 2011, p. 243).

Como podemos ver, de um lado Alexandre necessita de coisas exteriores a si mesmo para poder exercer a monarquia, sua soberania. Sem exército, riquezas, terras e até mesmo o direito de ser rei não é possível governar. Por outro lado, Diógenes é um homem simples, que não se interessa por tais recursos, só tem a própria existência como amparo, e por isso mesmo pertence a si mesmo e governa seu próprio caminho. Ainda nesse encontro, Diógenes faz uma advertência a Alexandre. Pois este não havia percebido o quão frágil era a sua monarquia e diz a Diógenes estas palavras, parafraseadas por Foucault:

Quando eu for rei, não só dos gregos, que já sou, mas também rei dos medas e dos persas que terei vencido efetivamente, neste momento não serei plena e completamente rei? Ao que Diógenes responde: como! Você terá vencido os gregos, terá vencido os medas, terá vencido os persas. Mas terá vencido também os inimigos

que se opõem a você? E esses verdadeiros inimigos são os inimigos internos, são seus defeitos e seus vícios (FOUCAULT, 2011, p. 244).

Percebemos aqui que Diógenes questiona Alexandre quando pergunta: “mas terá vencido também os inimigos que se opõem a você?” Questiona o seu preparo interno, sua capacidade de vencer seus defeitos e seus vícios. Como Alexandre poderia ser capaz de tal proeza se passou a vida inteira sem se fortalecer internamente, sem ter dado a devida atenção para si mesmo? Com a sabedoria de um filósofo que se preparou a vida inteira, que se exercitou nas técnicas de si, Diógenes coloca por terra a soberania de Alexandre, e este é obrigado a reconhecer a grandiosidade do homem que se encontra à sua frente. Neste momento o jovem rei como gesto de grandeza admite claramente que se não tivesse nascido Alexandre, gostaria de ter nascido Diógenes (D.L. VI.32).

Mas Diógenes vai muito além de combater somente os vícios pessoais, ele precisa combater os costumes, as convenções, as instituições e as leis. O combate do cínico não é um combate apenas contra si mesmo, mas contra todos os vícios que afetam e atrapalham o desenvolvimento do gênero humano.

Mas também é um combate contra os costumes, contra convenções, contra instituições, contra leis, contra todo um estado da humanidade. É um combate contra vícios, mas esses vícios não são simplesmente os do indivíduo. São os vícios que afetam o gênero humano inteiro, são os vícios dos homens, e são vícios que tomam forma, se baseiam [em] ou são a raiz de tantos hábitos, de maneiras de fazer, de leis, de organizações políticas ou de convenções sociais que encontramos entre os homens (FOUCAULT, 2011, p. 247).

Porém é importante enfatizar que romper com o *nómos* não é tudo, ou seja, se livrar dos vícios não é somente romper com as instituições, com o lar, a escola etc. Combater os vícios é combater a alienação e a domesticação. Ele denuncia as mazelas do mundo tornando-se ele mesmo o modelo de ruptura com a perturbação em que as pessoas se sujeitam.

O cínico denuncia, não com discursos “bonitos” e racionais, mas através da sátira cortante e de gestos agressivos, o pacto cívico com uma comunidade que lhe parece inautêntica e perturbada. Prefere renunciar ao progresso e vagabundear por um atalho individual como forma de escapar à alienação. Prefere tomar como modelo os animais sensíveis, do que andar “embrutecido” em um rebanho domesticado, adormecido pelas rotinas e convenções das grandes cidades (LEITE, 2001, p. 18-19).

O cínico também não tem medo de desagradar as pessoas. Em outras palavras, romper com os vícios que atrapalham o desenvolvimento humano é tornar-se livre. E tornar-se livre é

perder o medo de desagradar as pessoas. Isto implica, que exercer sua liberdade pode significar até mesmo ser detestado por aqueles que vivem adormecidos na massa, na multidão, pois ser livre é viver de acordo com seus próprios princípios e fugir da alienação. Ora, ser livre também não é viver anarquicamente, pois a filosofia cínica não é uma anarquia ou viver em um mundo sem leis. Os costumes que o cínico combate são as convenções sociais, isto é, o *nómos* dando primazia à *phýsis*. Para Diógenes o que se deve entender nesse sentido é que as organizações políticas produzidas através dos costumes desvirtuam e corrompem a civilização, mas não descarta um tipo de organização que se baseia na lei natural e que tenha como princípio a *phýsis* como modelo.

Em relação às leis, segundo Diógenes, não é possível a existência de um Estado sem elas. Esse filósofo afirma que sem uma cidade a própria civilização não tem utilidade alguma; a cidade é uma comunidade civilizada e organizada; sem a cidade as leis não tem utilidade; logo, a lei é a civilização. Diógenes ridicularizava a nobreza de nascimento, a fama e similares, chamando-as de ornamento ostentatório do vício. A única organização política correta, dizia ele, é a universal (D.L. VI.72).

A organização política universal da qual Diógenes chama atenção deve se basear na *phýsis*, na lei natural que rege todo o cosmos, todo o mundo, isto é, a totalidade das coisas. Se tais organizações fossem levadas a sério muitos problemas poderiam ser evitados. Pensemos no processo de produção de qualquer produto encontrado em qualquer loja ou supermercado. Um lápis, por exemplo. A partir desse ponto de partida faríamos um balanço inicial da extração da matéria prima envolvida para a produção do mesmo, ou seja, a madeira e o grafite. Logo notamos que é preciso derrubar árvores e cavar o solo para adquirir tais materiais e todo um processo de produção, suas consequências começam a ficar explícitas.

Seguindo o passo da reflexão, da mesma maneira chegaremos à conclusão de que levará décadas ou mais para que toda a destruição seja “curada” (talvez nunca mais). O que colocamos em questão é que uma organização política e uma sociedade que se baseia nas leis naturais saberia lidar melhor com o próprio tempo que a natureza leva para se recompor. E ainda mais longe, perceberia facilmente que o reflorestamento quase ou nada adianta, pois a biodiversidade é totalmente assaltada e o que se constrói são florestas artificiais, mortas e sem vida.

Essa reflexão “banal” é apenas um mero exemplo do caminho que poderíamos seguir tendo a *phýsis* como parâmetro para uma sociedade mais justa e respeitosa com a natureza. Inúmeras questões podem ser levantadas nesse sentido, como o desmatamento já mencionado, a agropecuária, extração de minérios, petróleo etc. São essas questões de grande importância

que podemos abstrair de pequenas reflexões tendo como base a filosofia cínica, de maneira que, do jeito como nossa sociedade se organiza seria colocada de cabeça para baixo. Eis aí a intenção dos cínicos em virar/desfigurar a moeda corrente!

Ser livre é justamente nesse sentido, ser cidadão do mundo, da terra e pensar a totalidade das coisas, a distribuição igual entre os países. Ora, isso soa muito utópico? Fora da realidade? Impossível de acontecer? Como poderia? Em quais circunstâncias? Em todo caso o cínico prefere não seguir as convenções cegamente, ser displicente e alienado com tudo que acontece à sua volta. Sempre escolherá o enfrentamento através de um criterioso raciocínio do que se passa à sua volta.

Mas fazer um balanço de si mesmo, de nós mesmos perante as coisas que o mundo nos apresenta não é tarefa tão simples. Seguir nossa liberdade de acordo com a natureza para assim criarmos uma civilização autêntica e verdadeiramente justa requer mais que vontade pessoal. Sabemos das dificuldades que envolvem uma mudança lenta ou radical na política, mudança estrutural, educacional e material, obviamente necessárias. Porém sem fazer jus à nossa própria opinião diante dos acontecimentos do mundo, e sem cuidarmos de nós mesmos como agentes transformadores, não é possível tal transformação e menos ainda ser livre.

2.1 Exercício disciplinado, *áskesis*

Lembremos também neste aspecto que o cuidado de si é uma prática, uma *áskesis* e visa a prática de liberdade. Sabemos que o cuidado de si é uma experiência filosófica, ela procura fazer com que o sujeito pense sobre si mesmo, em ocupar-se, em cuidar de si. Cuidar de si para combater os costumes, valores estabelecidos e também um cuidado com o outro e com o mundo. É um exercício constante na arte do viver.

Aquele que adentra na filosofia cínica se compromete a uma vida de disciplina constante para o aperfeiçoamento de si mesmo. Ele procura adaptar-se a todos os tipos de vicissitudes para fortalecer sua alma e seu corpo. Esse exercício rigoroso nada mais é que um forte autodomínio para que seu corpo e sua mente sejam fortalecidos e preparados para enfrentar todos os tipos de circunstâncias que o “destino” possa trazer. Seu objetivo é treinar para rejeitar todos os valores não sancionados pela natureza e ficar pronto para todas as contingências³⁸.

³⁸ Cf. (D.L. VI.68).

Para os cínicos, exercitar-se significa viver consciente e livremente, isto é, conscientemente, dando atenção a si mesmo e ultrapassando os limites das preocupações e das paixões. Busca-se adquirir autonomia de suas ações, autonomia que é adquirida através da *áskesis*, através de um exercício que o filósofo faz para poder desenvolver sua força de alma, atingir um grau elevado quanto ao corpo e ao espírito. Os exercícios corporais precisam estar conectados com os exercícios do espírito e do intelecto, que através dessa *áskesis* se chega à transformação e autonomia de si. Navia observa bem esse aspecto em seu estudo sobre o cinismo. Vejamos:

Exercício disciplinado (*áskesis*) – ele se compromete com um programa de autocontrole que fortalece seu caráter, minora sua dependência de necessidades sociais e físicas e se permite conservar todos os seus desejos e impulsos sob o controle mais estritamente racional (NAVIA, 2009, p. 202).

O exercício que se propõe a *áskesis* consiste no trabalho espiritual de transformação dos indivíduos inerente ao modo de vida filosófico. A prática da *áskesis* exige disciplina e paciência, uma vez que todo exercício ao começo é difícil, porém com a prática aos poucos vai tornando-se mais fácil e agradável. Pierre Hadot em sua obra *O que é a filosofia antiga?* sugere que “começemos a nos exercitar pelas coisas mais fáceis para adquirir pouco a pouco um hábito estável e sólido” (HADOT, 2014, p.31). Com esse exercício disciplinado adquirimos técnicas de cuidar de nós mesmos, uma espécie de armadura que se torna cada vez mais resistente com o uso e com a prática. O que Foucault nos mostra em sua *Hermenêutica do sujeito* é que o cínico constrói uma espécie de equipamento para lidar com as adversidades da vida, as contingências, a *fortuna* (*Tykhè*)³⁹. As raízes desse preparo para enfrentar a *Tykhè* com coragem já era tradição entre as escolas de filosofia da Grécia. Branham e Goulet-Cazé (2007, p. 68) afirmam que: “É por isso que as escolas de filosofia atribuíram a tarefa de elevar o homem acima do nível de tal ser e de torná-lo impermeável aos ataques dela”, e expressa mais adiante a audácia e a indiferença que os filósofos cínicos tinham em relação a *Tykhè*.

O filósofo somava ao seu desprezo uma espécie de audácia, que era uma mistura de entusiasmo pela vitória e de pura insolência. [...] Longe de vê-la como uma divindade em pleno direito, os primeiros cínicos demonstravam desprezo pela Fortuna, recusavam-se a levá-la a sério e interpretavam seus golpes como estímulo ao esforço moral (BRANHAM e GOULET-CAZÉ, 2007, p. 68).

³⁹ Na mitologia, a *fortuna* significava sorte enviada pelos deuses.

Indiferença e audácia consolidada através da autossuficiência, dos exercícios, equipamento adquirido juntamente com uma técnica elevada de direcionamento espiritual. Tal equipamento como uma espécie de armadura para proteger o cínico contra as contingências da vida, era também um refúgio para a vida interior; principalmente naquele período histórico, no qual a Grécia passava por momentos delicados em sua civilização.

Os filósofos, abandonando o grande esforço especulativo de Platão e de Aristóteles e a esperança de formar homens políticos capazes de transformar a cidade, teriam se resignado a propor aos homens, privados da liberdade política, um refúgio na vida interior (HADOT, 2014, p. 140-141).

Os homens viam-se inseguros quanto a seus futuros, a instabilidade pelas quais passavam, levavam-nos a procurar por uma filosofia que pudesse preencher o vazio deixado pela fragmentação da democracia e o fim da *pólis* e ao mesmo tempo que pudesse preencher o vazio interior e que direcionasse suas vidas de forma mais prática no dia a dia.

Naquele período a qualquer momento cada pessoa poderia ser exilada, vendida como escrava, morta em batalha ou assassinada em alguma invasão por um inimigo qualquer. Somando-se a isso, o momento pelo qual a Grécia passava com o fim do período clássico e início do período helenístico ainda era de muita superstição. Embora as religiões civis ainda se mantivessem vivas na população, os ritos e os cultos aos deuses. As religiões politeístas haviam sido abaladas pela filosofia já no século V. A deterioração dos valores gregos, estavam ligados ao caráter espiritual do povo na *polis*. Os costumes religiosos faziam parte do dia-a-dia dos gregos, isto é, seu caráter espiritual e moral.

A religião grega:

Mergulha suas raízes numa tradição que engloba a seu lado, intimamente mesclados a ela, todos os outros elementos constitutivos da civilização helênica, tudo aquilo que dá à Grécia das cidades-Estado sua fisionomia própria, desde a língua, a gestualidade, as maneiras de viver, de sentir, de pensar, até os sistemas de valores e as regras da vida coletiva (VERNANT, 2006, p.13).

As religiões tradicionais não tinham nenhum caráter dogmático, não uniforme e nem determinada, mas havia entre os cidadãos da *polis* uma certa responsabilidade sacerdotal de todo chefe de família, ou seja, aquele que não tivesse nenhuma mácula poderia presidir um rito ou oferenda à um deus em particular. Isto porque a vida pública se relacionava diretamente com a vida privada e religiosa. Nesse sentido, a vida particular, pública e religiosa se transmuta para o Estado, criando assim uma tríade no modo de viver dos helenos.

Todo pai de família assume em sua residência funções religiosas para as quais está qualificado sem preparação especial. Qualquer dono de casa é puro, se não tiver cometido um erro que o deixe maculado. Nesse sentido, a pureza não tem de ser adquirida ou obtida; ela constitui o estado normal do cidadão. Na cidade, não existe separação entre sacerdócio e magistratura. Há sacerdócios que são atribuídos por direito e ocupados como magistraturas, e todo magistrado, em suas funções, reveste-se de um caráter sagrado (VERNANT, 2006, p.59-60).

Mas a seriedade religiosa naquele momento vinha vindo se degenerando com rapidez e embora sempre houvesse charlatães de toda estirpe na história das religiões, surgiam cada vez mais sacerdotes, magos e xamãs que se apropriavam de dogmas Órficos, dos mistérios de Elêusis e outros para enganar as pessoas em detrimento de fins pessoais. Vigaristas que caminhavam de cidade em cidade explorando a credulidade do povo. “Platão, por sua vez, descreve como sacerdotes mendicantes, adivinhos ambulantes que ganhavam dinheiro com sua suposta competência em matéria de purificações e de iniciações (*kathannoí, teletai*) para os vivos e para os mortos.” (VERNANT, 2006, p.86).

Nesse contexto, os cínicos (com exceção de Antístenes) não se aventuraram com questões míticas, não desenvolveram nenhuma teoria consistente sobre o tema da religião, o modo de ser do cínico não permitia com que eles fossem doutrinados por quaisquer tipos de mentor religioso ou dogma. Sua vocação materialista de compreender a realidade e a ordem do mundo, fosse essa visão teleológica ou cosmológica sem fazer atribuições exclusivas ao um divino, os colocavam em uma situação de espreita e indiferença quanto as atitudes de certos sacerdotes de boa intenção, charlatões da toga. Seus treinamentos racionais os guardavam de tais armadilhas, a visão materialista e racional do mundo deveria comandar suas ações.

Diógenes dizia que ou fazemos bom uso da razão ou então que deveríamos nos enforcar⁴⁰. Seu treinamento pela *áskesis* não dizia respeito somente ao corpo físico, como pudemos ver anteriormente, mas sim de um conjunto disciplinado de suas ações, discurso verdadeiro e prática interligados como construção espiritual e cuidado da alma, ou seja, o cuidado de si.

A ideia de que corpo e alma estão mutuamente relacionados e afetam a boa ou má condição de um e da outra é um pensamento que tem ampla base socrática. No entanto, a ênfase em resistência corporal é distintamente cínica. Ela obviamente combina com a noção de que se será mais feliz quanto menos se for dependente das circunstâncias externas, mas, aparentemente, há mais coisas envolvidas: uma boa condição física

⁴⁰ Cf. (D.L. VI.24).

ajuda a promover um fluxo contínuo de ‘impressões mentais que proporcionam fácil acesso a atos virtuosos’ (BRANHAM e GOULET-CAZÉ, 2007, p.49).

O que se adquire por meio da *áskesis* é um equipamento que fortalece o caráter à sua conduta ética. Que minoram suas paixões e vícios. A finalidade dessa *áskesis* é que o sujeito possa constituir a si mesmo como aquele que cuida de si mesmo para se tornar livre.

O cinismo por seu caráter de liberdade, modo de vida e modo de agir ultrapassa o campo da teoria, ele procura viver de forma prática tudo que seu discurso pode conceber. Sua conduta é um direcionamento e aplicabilidade prática nas ações objetivas da vida, quer dizer, um modo de vida (como vimos repetindo em todo o escrito), uma constante lapidação, reflexão, autonomia e ação sobre si. Vejamos o que diz Navia acerca de Diógenes e sua relação prático/teórico da filosofia. “[...] seria um equívoco insistir em lidar com esse fundo teórico de modo isolado de suas manifestações práticas. Afinal de contas, em Diógenes, teoria e prática estavam intimamente imbricadas e eram quase indissociáveis” (NAVIA, 2009, p. 155). Teoria e prática estavam imbricadas na filosofia da Grécia antiga, fazia parte diária da vida do filósofo, ela tinha como fim último a busca pela felicidade, a realização dos exercícios filosóficos visava a realização de si, realização como caminho feliz, como vida feliz.

Como já dissemos; cada escola na comunidade grega tinha suas particularidades específicas, seus métodos de ensino próprios, áreas de pesquisa distintas e aplicabilidade desse conhecimento na vida prática de acordo com sua doutrina, cada uma à sua maneira, porém com a finalidade de viver uma vida feliz e virtuosa. A finalidade buscada pela filosofia cínica nesses exercícios era o aperfeiçoamento, a realização de si, liberdade e felicidade.

Todas as escolas da antiguidade estavam de acordo em admitir que o homem, antes da conversão filosófica, encontra-se num estado de infeliz inquietude, que é vítima da preocupação, lacerado pelas paixões, que ele não vive verdadeiramente, que ele não é ele mesmo. Todas as escolas também concordam em crer que o homem pode se libertar desse estado, que pode alcançar a vida verdadeira, aperfeiçoar-se, transformar-se, visar a um estado de perfeição. Os exercícios espirituais/filosóficos são precisamente destinados a essa formação de si, a essa *Paidéia*, que nos ensinará a viver não em conformidade com os preconceitos humanos e com as convenções sociais (pois a vida social é ela própria um produto das paixões). Todas as escolas, cada uma a seu modo, creem então na liberdade da vontade, graças à qual o homem tem a possibilidade de modificar a si mesmo, de se aperfeiçoar, de se realizar (HADOT, 2014, p. 55-56).

A filosofia cínica representa formas específicas de busca da felicidade, todas as suas práticas visam também um princípio educacional, no qual também está inserida uma responsabilidade para com o outro. Os cínicos iam direto ao ponto em questão, não articulavam métodos retóricos para ludibriar seus interlocutores, pelo contrário, faziam de seus discursos a forma mais dura de dizer a verdade, muitas vezes com afrontas radicais e grosseiras, visto que sabiam que nem sempre é possível progresso com o diálogo natural, como nos mostra Dinucci.

[...] um cínico vai direto ao ponto em suas críticas das opiniões e modos de ser dos demais: eles são realmente desaforados e atrevidos em suas críticas. E podemos dizer que essa irreverência é para eles um princípio educacional, um modo de fazer com que aquele que os escute grave de fato a crítica e reflita sobre ela, o que raramente acontece quando nos limitamos a conversar de modo “civilizado” (DINUCCI, 2010, p.87).

Seu desaforo e atrevimento se dá por uma total liberdade de fala e ações, retórica e performance, visto que de todas as correntes filosóficas da antiguidade o cinismo parece ser a que mais levou a sério a questão da prática de liberdade. Seu despudor contra as convenções sociais é realmente chocante. O modo de ser do cínico provoca por diversas vezes constrangimento à maioria das pessoas. A sua prática de liberdade chega a ser tamanha que ele simplesmente chega a fazer suas necessidades fisiológicas em qualquer lugar, independentemente de ser visto ou não por alguém.

O cinismo por se tratar de uma filosofia radical leva consigo sua radicalidade também em sua liberdade. São inúmeras as anedotas atribuídas aos cínicos por seus extremos de práticas de liberdade. Essas práticas chocavam os atenienses do tempo de Diógenes. Ele percebia que tais valores discursivos de liberdade entre os cidadãos não passavam de mera ilusão, discursos fajutos que não se concretizaram na prática de vida.

O cinismo em seu modo de vida também nos dá exemplos de cosmopolitismo. De que toda a terra é livre para todo e qualquer homem. Liberdade de pertencer ao mundo inteiro, ir e vir quando quiser, ter unicamente como fundamento a posse de pertencer a si mesmo. Essas ideias já o eram bastante inovadoras naquele período histórico e mesmo radicais. O posicionamento ético do cínico é de total liberdade com o mundo e para si.

A filosofia cínica também foi a primeira corrente filosófica a colocar a mulher em pé de igualdade com o homem na antiguidade. “Defendia a comunidade das mulheres, e não reconhecia outro casamento além da união do homem que persuade com a mulher que se deixa persuadir, ou seja, consentimento mútuo. Consequentemente, os filhos devem ser também

comuns” (D.L. 6.72). Vejamos também o exemplo de Crates que levava sua mulher, Hiparquia a todos os lugares públicos e a tinha como uma igual, cidadã e filósofa. Pois sabemos que naquela época as mulheres tinham um papel muito secundário na comunidade grega. Tal atitude encarnada por eles levava os gregos a se "assombrarem". E não era pra menos, uma vez que mais de vinte séculos depois as mulheres ainda lutam por uma posição mais igualitária na sociedade dos nossos tempos.

A liberdade que se traz do cinismo não é absolutamente uma liberdade somente física, material, mas de uma liberdade de alma, de pertencimento a si mesmo, liberdade de fortalecer o corpo e o espírito para enfrentar as adversidades da vida. A ênfase dos gregos sobre a subjetivação ética é formar o indivíduo livre. “A formação manifesta-se na forma integral do homem, na sua conduta e comportamento exterior e na sua atitude interior. Nem uma nem outra nasceram do acaso, mas são antes produtos de uma disciplina consciente” (JAEGER, 1994, p. 22). O cidadão deve ser temperante, consciente e ético, o indivíduo temperante e ético é um indivíduo equilibrado que tem domínio sobre as paixões (*apatheia*)⁴¹, de modo que aquele que não controla suas paixões torna-se vítima das paixões, ou seja, escravo das paixões. Nesse sentido ele não é livre, é escravo. Para os gregos o sujeito não deveria ser escravo nem dos outros e nem de si mesmo. O que havia entre os gregos não era uma moral universal, mas morais particulares, em outras palavras, artes do viver, estéticas da existência, modos de pensar em como é possível se tornar belo, virtuoso, sábio, fazer de si mesmo uma obra de arte e isso significava tornar-se temperante e ético, isto é, coerência entre o que ela diz e o que ela faz.

Ascese que são práticas de meditação, escrita de si, dieta, exercícios físicos. Sendo assim (HADOT, 2014) diz que todo exercício é fundamentalmente um retorno a si mesmo, que liberta o eu da alienação da qual as preocupações, as paixões e os desejos nos haviam enredado. Há no cuidado de si um certo número de ações, ações exercidas para si, das quais nos modificamos, purificamos, transformamos, transfiguramos, visto que ocupar de si mesmo tem sempre um sentido positivo para a existência do sujeito e nunca um sentido negativo. Tal ocupação visa a tarefa de dar conta de si mesmo no jogo da verdade, a arte da existência e o discurso verdadeiro.

Essas práticas como já ressaltamos, juntamente com a *parrésia* que era uma prática do mundo grego que dizia respeito à coerência entre aquilo que o sujeito dizia e aquilo que ele praticava ser. No dizer verdadeiro o sujeito se expunha, legitimava ou justificava que aquilo que ele estava dizendo era verdade.

⁴¹ “De páthos / *πάθος*, paixão, fato de sofrer” (GOBRY, 2007, p. 22).

2.2 *Autárkeia*

Quando se trata de falar sobre a autossuficiência dos cínicos não se espera algo menos radical. Tal maneira de agir os tornaram convencionalmente antissociais. Os cínicos desprezam aquilo que os homens julgavam essenciais às suas vidas cotidianas, para eles de fato tais coisas essenciais não passavam de meras convenções sociais, práticas ruins a si mesmos. Acreditavam que os homens cooperavam para sua própria destruição através de suas convenções morais e éticas. “O cínico é convencionalmente antissocial em seu desprezo pelo que ele considera ser convenções irracionais. Nada, porém, sugere que ele precise, por causa de seus princípios, afastar-se de todas as formas de vida cooperativa” (BRANHAM e GOULET-CAZÉ, 2007, p.52).

Obviamente seu modo de vida não-convencional tinha suas justificativas, eles eram capazes de viver com muito pouco, ou melhor, somente com o que era realmente necessário para suas vidas. O que é interessante é o fato de eles não se sentirem frustrados com suas escolhas, pois acreditavam que as pessoas que necessitam de muitas coisas para serem felizes na verdade são pessoas fracas e que os verdadeiramente fortes são aqueles que pouco ou quase nada necessitam para viver. Os que vivem pelo *nomos* estão longe da autossuficiência da qual os cínicos enfatizam com muita insistência em sua filosofia, e pregam que ao contrário das convenções sociais as pessoas deveriam viver de acordo com a natureza da qual os animais nos dão o exemplo.

Embora os cínicos, e precisamente Diógenes tenha os animais como o exemplo a ser seguido, esse movimento da antiguidade não desejava reduzir a natureza do homem a seres irracionais. “A noção de que os humanos têm algo a aprender com os animais não implica, como supôs, que Diógenes desejasse reduzir a natureza humana à de bichos” (BRANHAM e GOULET-CAZÉ, 2007, p.50). Sua relação com os animais é a de que esses por sua própria natureza estão mais próximos da autossuficiência do que os homens, e não só isso; para Diógenes os animais estão também mais próximos dos deuses, pois os deuses de nada necessitam e os mais próximos dos deuses de poucas coisas necessitam. Nesse ponto é vale lembrar que mesmo fazendo referência aos deuses, os cínicos não eram religiosos no sentido do termo. Diógenes observava o desrespeito e insanidade dos cidadãos para com os mesmos, por exemplo: pediam aos deuses saúde enquanto se banquetavam aos extremos prejudicando a própria saúde, de modo que:

Ele ridicularizava as preces dos homens, observando que os mesmos não pedem os verdadeiros bens, e sim o que lhes parece bom [...] proclamava frequentemente que os deuses haviam concedido aos homens meios fáceis de vida, porém os homens perderam de vista esse benefício, pois necessitam de bolos de mel, de unguentos e coisas semelhantes (D.L. VI.44).

Ele também definia que o amor ao dinheiro era um dos grandes males do mundo⁴², de modo que, por dinheiro as pessoas se corrompem, matam e cometem uma infinidade de males que é desnecessário expô-los aqui. O mesmo podemos dizer sobre a inclinação das pessoas à luxúria, as aparências e status sociais. “A alguém que se exibia orgulhosamente vestindo uma pele de Leão Diógenes disse: ‘Para de desonrar as vestes da coragem!’” (D.L. VI.45).

Os cínicos acreditavam que a virtude era o único bem a ser perseguido, adquirido e que a autossuficiência era o caminho para se chegar a essa virtude. Virtude que só é alcançada através da rejeição daquilo que os homens consideram como as melhores coisas da vida humana. Diógenes dizia que os homens se esforçam para adquirir aquilo que é inútil e nocivo a si mesmos e não se esforçam para adquirir o que é realmente importante para suas vidas. Que competem para cavar um fosso e não para serem verdadeiramente excelentes. Excelência que é a ponte para a felicidade, para os filósofos cínicos não há bem maior que a felicidade, por via de que cada dia deve ser um dia de festa, de brincadeiras e risos.

No próximo capítulo trataremos da importância da leitura dos textos de filosofia e como a retórica cínica se ajusta com as práticas vistas nesse capítulo, retórica no sentido de suas práticas usuais, buscaremos captar o real sentido por detrás de anedotas aparentemente sem sentido num contexto filosófico. Tentaremos a medida do possível descrever como tais práticas se alinham com o cuidado que se deve ter consigo mesmo no âmbito da educação, como as práticas cínicas se alinham com a filosofia dos estóicos no âmbito da educação e do ensino. Mais precisamente como o exercício de cuidar de si se alinha aos cadernos de notas como exercício de leitura/escrita dos *hypomnēmata* utilizados pelos estoicos na antiguidade, direcionados à prática de aprendizagem.

⁴² Cf. (D.L. VI.50).

3 A IMPORTÂNCIA DE LER OS AUTORES E TEXTOS FILOSÓFICOS

A reflexão sobre o ensino de filosofia, em especial no nível básico, tem uma especificidade: a de ser um discurso originário da e voltado para a prática, sem que disso se reduza uma distinção esquemática entre teoria e prática, ou uma prioridade da prática sobre a teoria.

Filipe Ceppas

Neste capítulo uma questão que se coloca é sobre a leitura dos textos de filosofia, mas não só a simples leitura dos textos, e sim a leitura reflexiva, que traga uma reflexão acerca dos problemas abordados no texto e que possa também se expandir por questões do dia-a-dia da vida comum.

A leitura dos textos de filosofia são justamente para que o estudante possa se apropriar da Filosofia, exteriorizá-la e modelá-la de acordo com seus conhecimentos pessoais, a fim de clarear seus objetivos pessoais numa prática ajustada a cada etapa do seu desenvolvimento e progresso pessoal.

Claro que a necessidade de uma relação direta e constante com os textos é evidente. Pois o que se busca é “o desenvolvimento de um pensamento pela confrontação com outros pensamentos, já constituídos e acabados. [...] os textos devem, portanto, ser considerados como a estrada mestra da iniciação filosófica” (FOLSCHEID, 2013, p. 06). Sabemos que a “ferramenta de trabalho” de qualquer estudante ou professor de Filosofia é justamente a leitura dos textos juntamente com o processo e exercício da escrita.

Os textos de filosofia se dão como meio de/e para o conhecimento, pois não se afiguram como fim último, de maneira que devemos passar por eles para se conhecer filósofos como Platão, Aristóteles, Descartes, Kant, Nietzsche, Marx e muitos outros. Assim, para que possamos ser introduzidos em problemas que os próprios pensadores se depararam em certo momento de suas vidas, questões relacionadas à própria época em que viveram, para também poderem refletir sobre determinados conceitos que se referem a assuntos importantes da história da filosofia em questão, é obviamente necessário voltar a tais escritos.

O que se pretende não é a mera decoração ou assimilação barata da reflexão filosófica, mas o contrário, isto é, que na medida em que se lê um determinado texto o estudante possa ser penetrado pela reflexão filosófica em si mesma, ou seja, que ele não apenas creia ter adquirido o conhecimento de um sistema filosófico existente de uma maneira exterior e imposta como algo decorado; pois dessa forma não podemos chamar de reflexão filosófica algo que

simplesmente se decora para tagarelar e repetir ao espaço. Neste sentido, a reflexão filosófica deve ser feita de dentro para fora, deve ultrapassar a limitação abstrata, conceitual e puramente teórica para que de alguma maneira chegue na própria vivência daquele que pensa e reflete. Não se trata simplesmente de pensar o já pensado, mas sim que, “pensar o já pensado é repensar, e repensar é sempre pensar” (FOLSCHEID, 2013, p. 09).

Uma questão que se coloca seguindo o raciocínio de Folscheid, é que repensar é sempre pensar; nesse contexto, como o cinismo poderia nos auxiliar neste pensar e repensar? Repensar a filosofia? Seria também repensar a história da filosofia? A vida filosófica? Não obstante, muitas questões ainda se colocam nessa perspectiva.

Como podemos perceber, há inúmeras perguntas para nos deter antes de chegarmos à questão sobre como os cínicos da antiguidade podem nos ajudar no pensar e repensar a vida através dos textos de filosofia. E, mais, se os cínicos podem nos auxiliar na prática de leitura, escrita e aprendizagem para o ensino de filosofia nas nossas escolas? Se sim, de que jeito?

Pensar sobre tais questões é mais que necessário. Nós, professores de filosofia, temos o dever e a responsabilidade de pensar nossas próprias práticas no âmbito do ensino. Isso como sabemos envolve uma série de questões. Dentro desse ponto, e pensando aqui na prática pedagógica do professor dentro da sala de aula, existe a relação professor e aluno, uma relação entre sujeitos, que deve ser o mais agradável possível para ambos. Neste aspecto, há uma relação de contato, interação afetiva e de amizade, mas também de responsabilidades.

A prática ensino e aprendizagem orientada pelo cinismo que buscamos descrever toca nesse ponto crucial que são as relações humanas, nas relações dentro do ambiente escolar e na prática dentro da sala de aula. O que se espera desta prática de aprendizagem numa perspectiva cínica não é somente uma nova maneira de ler os textos de filosofia, mas ajudar na melhor abstração de conhecimentos para a vida. O que fica evidente não é só a importância de ler os textos de filosofia, mas também lê-los no intuito de se questionar sobre a importância de textos ditos “menos importantes” da história da filosofia, e assim da mesma forma poder trazê-los aos problemas da vida cotidiana à sua própria maneira.

Nessa perspectiva,

[...] dá oportunidade a uma nova jazida destinada a professores argutos, para purificar de seus miasmas o ensino da filosofia no colegial e na universidade, para escancarar a janela das bibliotecas em que se acumulam glosas inúteis sobre os monumentos da filosofia dominante, a fim de acrescentar às estantes trabalhos alternativos que levem em conta uma outra filosofia que supõe outra maneira de filosofar (Onfray, p. 20, 2008).

A importância de lembrar da não centralidade na leitura de determinados textos da história da filosofia visa uma prática pedagógica a trazer autores marginalizados pela história da filosofia. Evidentemente quando pensamos nos filósofos cínicos pouco ou quase nada nos chegou de seus escritos e não há uma biblioteca como as de Platão ou Aristóteles. Todavia, a não centralidade visa justamente isto, trazer autores, filósofos e pensadores esquecidos na história da filosofia, como é o caso dos cínicos. Quer seja por comentadores, anedotas e outras maneiras mais de filosofar.

Na prática de aprendizagem cínica que procuramos descrever, damos enfoque a uma postura filosófica, uma postura filosófica cínica, voltada para a relação entre professor e aluno, como a escrita e os textos de filosofia voltados para a vida comum, como viemos enfatizando.

Dentro de todo esse processo de ensino aprendizagem voltados para a educação, há também outra questão que também devemos considerar com atenção: a falta de interesse de grande parte dos estudantes pela leitura. Citando, Ceppas no seu artigo: *Comendo meu caderno de notas*, vemos:

O jovem desconfia da promessa do lucro que ele pode ter ao aceitar a sublimação, isto é, ao aceitar, enfim, dedicar-se aos estudos através do maçante e difícil exercício da leitura e da escrita. E um dos nossos grandes erros é pensar que ele faz isso apenas porque está perdido numa sociedade consumista, regida pela força das imagens, da indústria cultural e de uma subcultura popular. Ele faz isso, dentre outras coisas, porque nós mesmos reduzimos a escrita a um mero suporte, a um "suplemento", diria Derrida, de um significado transcendente, quase sempre localizado em uma região bem distante no espaço e no tempo, desconectado da realidade do estudante, como se costuma dizer (ou sem se colocar num verdadeiro enfrentamento com ela, sem guerrear de igual para igual, diríamos nós) (CEPPAS, 2015, p. 47).

Muitas vezes o estudante não percebe que a leitura dos textos envolve entre outras coisas, o amadurecimento da sua vida intelectual.

Também é de praxe sempre lembrar que a prática de aprendizagem cínica não é o modelo ideal. Aliás, não nos alinhamos a idealismos e idealistas. Não obstante, tal prática é uma tentativa de uma formação para esse “mundo novo” e jovem que é o Brasil.

Mundo novo, mundo jovem, país do futuro, a imagem mesma da juventude. Qual educação, qual formação para ele? Como diz, ainda, Lyotard, acerca de seus próprios anos de formação: a intriga não é jamais trivial se a vivemos sob o apelo da lei. Qual lei devemos adotar para pensar a educação e a formação cultural nesse caldeirão pós-colonial brasileiro? (CEPPAS, 2015, p.48).

Visto isso, o que se espera da leitura dos textos de filosofia é que os estudantes se apropriem dos textos não como doutrina, mas sim “como o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade dela” (Ceppas, 2015, p. 52).

Apropriar para cuidar de si, e cuidar de si para atingir amadurecimento intelectual e maturidade como sujeito no mundo. Parafraseando Kant, para sairmos da minoridade e atingirmos a maturidade, através do esclarecimento.

No capítulo seguinte faremos um breve esboço de como os antigos estoicos se apropriavam da arte de escrever como exercício para cuidarem de si e adquirir amadurecimento intelectual.

3.1 Prática de escrita: os cadernos de notas dos estóicos (*Hipomnémata*)

Não somente no campo do estudo da Filosofia todos nós educadores sabemos da importância da escrita para um melhor desenvolvimento cognitivo para apreensão e interpretação da própria realidade que vivemos. Escrever não é fácil. Ainda mais se formos tratar dessa questão com jovens que cursam o ensino médio nas nossas escolas. De modo que o desinteresse parece ser ainda maior que a própria prática de leitura. Porém, isso não deve ser justificativa para nos fazer desistir de incentivar a leitura e a prática da arte de escrever.

O exercício que se faz com a leitura dos textos; sejam eles filosóficos ou não, faz toda diferença na hora da escrita. É notória a dificuldade que muitos jovens sentem na hora de escrever um texto, uma redação, resumo de texto, resenha etc.

Ora, será mesmo que eles sentem tanta dificuldade assim de escrever? Será que não conseguem abstrair e interpretar os textos de filosofia por causa de sua complexidade? Travando assim a escrita?! No que se refere à primeira pergunta, fica claro que pelos menos a grande maioria não tem grandes dificuldades para escrever, o que parece ficar evidente é que não se dispõe a escrever sobre aquilo no qual não tem interesse. Pois é só observar o contato que a maioria dos jovens de hoje em dia tem com as redes sociais, jogos, aplicativos de conversas, para ver a atitude de muitos mudar. Ou seja, leem e escrevem sem nem notar o tempo passar.

Já sobre a complexidade dos textos de filosofia também não parece ser o problema mais fundamental. Obviamente é evidente a dificuldade com que muitos estudantes se deparam para interpretar certos conceitos filosóficos (na universidade os estudantes também não fogem à

regra). Porém, vemos essa complexidade dos textos filosóficos como uma das causas desse possível desinteresse dos alunos, e não como a causa central da falta de interesse que os estudantes sentem em escrever.

Isso demonstra que os estudantes leem e escrevem, porém são voltados para aquilo do qual tem interesses, daquilo que faz sentido para eles, que chamem sua atenção. Escrever eles escrevem, mas somente o que lhes interessam.

Há uma série de processos cognitivos, afetivos e comportamentais que se constituem no processo de leitura desses textos escolares e literários, assim como na escrita, que problematizam a oposição simplista que Rousseau constrói entre a letra e o espírito, entre o aprendizado pelos sinais e o aprendizado pela experiência. O aprendizado pelos sinais é, afinal, um tipo de experiência, ou deveria ser entendido como tal (CEPPAS, 2019, p. 63).

Aprendizado pelos sinais que poderíamos traduzir por uma certa relação afetiva e corporal no ambiente escolar. “Contato, contágio e encenação” (CEPPAS, 2015). Esse contato, contágio e encenação seriam os pressupostos para um interesse pelos textos de filosofia, ou seja, que tais textos possam puxar o interesse dos estudantes e assim incentivá-los a escrita.

Mas de que maneira isso seria possível? Como trazer o interesse dos estudantes para a prática da escrita? Neste ponto, entra em questão mais um ponto da nossa pesquisa, isto é, o método pelo qual o estudante possa adquirir um possível prazer pela escrita e de uma maneira mais livre. O que sugerimos é a criação de um “diário”, onde os estudantes possam escrever frases, ditos, ponderações e reflexões acerca dos textos lidos, tendo como base os cadernos de notas dos estóicos da antiguidade, chamados de *hypomnemata*.

Antes de avançarmos é plausível fazer uma breve apresentação do que eram esses cadernos de notas *hypomnemata*, como eram utilizados e o que consistiam o conteúdo para a vida prática daqueles que o tinham e escreviam nele.

Na *Escrita de si* Foucault nos mostra o que são os *hypomnemata*, vejamos a seguir:

Na sua acepção técnica, os *hypomnemata* podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda. O seu uso como livro de vida, guia de conduta, parece ter-se tornado coisa corrente entre um público cultivado. Neles eram consignadas citações, fragmentos de obras, exemplos e ações de que se tinha sido testemunha ou cujo relato se tinha lido, reflexões ou debates que se tinha ouvido ou que tivessem vindo à memória. Constituíam uma memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas; ofereciam-nas assim, qual tesouro acumulado, à releitura e à meditação ulterior. Formavam também uma matéria prima para a redação de tratados mais sistemáticos, nos quais eram fornecidos argumentos e meios para lutar contra este ou aquele defeito (como a cólera, a inveja, a tagarelice, a bajulação),

ou para ultrapassar esta ou aquela circunstância difícil (um luto, um exílio, a ruína, a desgraça) (FOUCAULT, 1992, [134-135]).

Neste sentido, a prática da escrita feita pelos estudantes pode auxiliá-los nas suas reflexões filosóficas e sobre suas próprias vidas. Trazendo reflexões de si consigo mesmos, de uma crítica de seus próprios pensamentos, de sua própria conduta perante a vida.

A prática da escrita torna-se um adestramento da alma, um exercício de si por si mesmo como uma espécie de *tékne*, de exercício ou meditação na arte da escrita.

[...] a esse exercício do pensamento sobre si mesmo que reativa o que ele sabe, se faz presente um princípio, uma regra ou exemplo, reflete sobre eles, os assimila, e se prepara assim para enfrentar o real. [...] a escrita constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende toda a *àskesis*: a saber, a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação (FOUCAULT, 1992, [133-134]).

Tais cadernos de notas não eram um simples auxiliar de memória para se ler quando bem entendesse ou precisasse, pelo contrário. Os cadernos *hypomnemata* eram um exercício de ler, meditar em si mesmo ou com os outros. O que se desejava era que esses escritos fossem implantados na alma, interiorizados e gravados de modo a fazer parte de si mesmos, uma ação prática vivida constantemente e disciplinada.

Buscava-se fortalecer a autonomia do sujeito para que fosse revelada em suas ações e práticas do discurso filosófico.

Por mais pessoais que sejam, estes *hypomnemata* não devem, porém ser entendidos como diários íntimos, ou como aqueles relatos de experiências espirituais (tentativas, lutas, fracassos e vitórias) que poderão ser encontrados na literatura cristã ulterior. Não constituem uma “narrativa de si mesmo”; não têm por objetivo trazer à luz do dia as *arcana conscientiae* cuja confissão – oral ou escrita – possui valor de purificação. O movimento que visam efetuar é inverso desse: trata-se, não de perseguir o indizível, não de revelar o que está oculto, mas, pelo contrário, de captar o já dito; reunir aquilo que se pôde ouvir ou ler, e isto com uma finalidade que não é nada menos que a constituição de si (FOUCAULT, 1992, [137]).

Essa constituição de si é adquirida não de forma isolada, não sem ajuda de outros autores ou textos. Pois é justamente na prática de leitura de outros autores, no caminhar em outros textos, que aos poucos vai se formando a própria subjetivação interior.

Não é necessário decorar os textos de maneira generalizada, mas sim guardar mesmo algumas pequenas frases, que possam ser digeridas e meditadas por um determinado tempo. Ao passo que possam ser unificados posteriormente com outras percepções introduzidas na alma

por intermédio da subjetivação no exercício da escrita pessoal para a construção do próprio sujeito.

É a própria alma que há que constituir naquilo que se escreve; todavia, tal como um homem traz no rosto a semelhança natural com os seus antepassados, assim é bom que se possa aperceber naquilo que escreve a filiação dos pensamentos que ficaram gravados na sua alma (FOUCAULT, 1992, [144]).

O que se procura estabelecer é um certo protagonismo dos estudantes diante dos problemas e adversidades da vida, autonomia do seu próprio fazer, e não meros coadjuvantes do estilo de vida estabelecido e empurrado goela abaixo.

No que compete ao filosofar pretende-se que eles possam passar de meros espectadores a atores da encenação de suas vidas. Encenação de um jeito próprio de filosofar; e porque não de suas próprias criações filosóficas? Neste sentido, a escola e as aulas de filosofia têm um papel crucial na formação dos estudantes, pois propicia uma nova maneira de ver a realidade e agir diante da mesma.

[...] pode-se dizer que esta (a filosofia) desenvolve as capacidades de análise, de leitura e de abstração; aguça o sentido do questionamento e do problemático; alarga as técnicas de argumentação e conduz ao desenvolvimento do raciocínio; abre para uma interrogação conceitual (clarificando os conceitos) e uma reflexão racional; instaura uma distância crítica e convida a um regresso reflexivo sobre si e sobre as condições de possibilidade de um pensamento; contribui para o processo de desnaturalização de valores, ideias, fatos, teorias; têm a tarefa de elucidação da nossa relação com o mundo, recolocando as questões de fundo para serem discutidas; atenta ao pensamento próprio e ao pensamento do outro, colaborando para a autonomia intelectual e, igualmente, para a alteridade (REVISTA NESEF, 2014, p.12).

É importante que os estudantes aprimorem sua consciência crítica, de forma que adotem atitudes éticas e compromisso político para o desenvolvimento da sua autonomia intelectual. Acreditamos que os cadernos *hypomnemata* servem também como uma espécie de equipamento que permite a pessoa usar tudo aquilo que refletiu e pensou, toda a memória e ideias quando a ocasião se apresentar.

Esse viver reflexivo no cotidiano implica uma prática, e essa prática pode já ser treinada ou aprimorada desde a juventude. E o ambiente escolar é um lugar mais que necessário para tal prática. Por tais motivos acreditamos na importância do professor em sala de aula e no bom relacionamento entre professor e aluno de modo a fazer a construção do pensamento prazerosa e democrática.

3.2 A relação Professor e aluno no âmbito do ensino e aprendizagem

No que tange a relação professor e aluno, o cotidiano do professor e do aluno em sala de aula marca um espaço de codificação, reafirmação, criação, de negação e resolução de saberes que constituem o desenvolvimento e formação do estudante, assim como a formação permanente do professor. O professor inserido dentro da sala de aula deve prezar primeiramente numa pedagogia democrática, numa postura fundada na ética, no respeito à dignidade e não esquecer da autonomia do estudante. A Filosofia exige do professor um exercício constante e permanente de reflexão sobre os saberes do mundo. Transmitir tais saberes ou impulsioná-los à reflexão filosófica não é tarefa das mais simples.

Os laços que desencadeiam a convivência entre professor e aluno só podem assumir o papel de construção de sujeitos históricos, culturais e autônomos mediante uma postura de respeito à dignidade do estudante. A postura do professor de Filosofia em sala de aula deve ajudar a construir um ambiente favorável à produção de conhecimento. Tal postura deve ultrapassar o campo do discurso e se fazer valer à prática e disposto a mudanças. Deve estar ciente das possíveis improvisações no âmbito escolar, isto é, quando necessárias.

Se fazer maleável não é deixar correr frouxo a prática educativa, muito pelo contrário; é justamente se colocar em posição pouco confortável, se colocar numa posição de aluno. Ter o cuidado sincero com a prática educativa e estar ciente de suas responsabilidades. A formação humana é um processo, e a escola um lugar onde esse processo se faz em parte. O Ensino Médio é um período onde os jovens passam e se formam para enfrentar a vida adulta posteriormente. Desse modo, jamais deve ser ignorado, fazer vista grossa as preocupações inerentes à prática educativa ou desdenhar da sincera responsabilidade que temos e devemos ter como comunidade humana.

Paulo Freire nos adverte para a necessidade de assumirmos uma postura vigilante contra todas as práticas que denigrem a educação assim com a desumanização. Essa postura aponta para uma dimensão estética do professor, para uma prática condizente com uma postura preocupada com a reflexão filosófica.

É fato determinante de que o professor não pode se abster nem escapar à rigorosidade ética de sua função. Mas não uma ética qualquer, aos moldes do neoliberalismo como também rejeita Freire; em termos da educação voltada para o ensino técnico e ao mercado de trabalho. A ética de que falamos é a postura do professor em sala de aula, comprometido com o ensino.

A postura ética que achamos necessária à prática docente do professor se alinha em alguns traços com a freiriana, (ao menos neste ponto específico) porque a postura cínica também crítica e condena a exploração da força de trabalho do ser humano, condena uma postura discriminatória contra classe, gênero, raça. O combate contra o preconceito e a hipocrisia deve ser constante, e o professor em sua atividade docente não pode ignorar seu dever como educador. “E a melhor maneira de por ela lutar é vive-la em nossa prática, é testemunhá-la, vivaz, aos educandos em nossas relações com eles” (FREIRE, 2015, p.18).

Relação que se estende na própria maneira de se comportar do professor, nos conteúdos que ensina, sua relação com os textos e autores que concorda ou discorda intelectualmente, e até mesmo no cuidado que o professor deve ter em analisar e fazer críticas a ideias outras. “Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos (FREIRE, 2015, p. 19).

A maneira como a relação do ensino e aprendizagem, professor e aluno se dá, deve ultrapassar o âmbito institucional, pois, embora o estudante e o professor estejam subordinados numa espécie de hierarquia causal, legitimada e reforçada num caráter formal, ambos devem manter vivos em si o gosto pela rebeldia curiosa e estimulante. Cabe muitas vezes ao professor deixar evidente sua própria curiosidade que tem em relação à Filosofia, deixar transparecer sua vocação de pensador. Dessa maneira procurando estimular o estudante a também se arriscar e aventurar-se no universo filosófico.

Nesse universo o professor deve estar atento sobre as práticas metodológicas que usa, em outras palavras, se ater a reforçar nos estudantes a capacidade crítica e a não submissão destes à um aprendizado puramente transmitido, como se o professor fosse detentor do conhecimento e o aluno um receptor passivo deste conhecimento. Citando mais uma vez Paulo Freire (2015, p.24) entendemos que: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção.” Construção constante, formação constante. Tanto do educador quanto do educando. Uma prática formativa que se estende por toda a vida.

É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no “tratamento” do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. [...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo (FREIRE, 2015, p. 28).

Não podemos esquecer que essa prática de ensino e aprendizagem é inerente à prática cotidiana do estudante. O professor de Filosofia ao dialogar sobre um determinado texto não pode se esquecer da relação que este pode ter com a realidade que se passa no seu país ou comunidade, no mínimo deve estar ciente de provocar uma reflexão com o nosso tempo, seja qual lugar for. Essa relação não necessariamente pode estar explícita no texto, mas o professor deve se atentar em fazer a medida do possível, relações para se poder aprofundar e instigar os estudantes à reflexão filosófica.

Do mesmo modo entendemos que uma leitura sem contextualização pode se tornar enfadonha e estéril. O professor que apenas repete o que está escrito no texto torna-se um intelectual memorizador. “Repete o lido com precisão, mas raramente ensaia algo pessoal. Fala bonito de dialética, mas pensa mecanicistamente. Pensa errado. É como se os livros todos a cuja leitura dedica tempo farto nada devessem ter com a realidade de seu mundo” (FREIRE, 2015, p. 29).

O que se busca na relação professor e aluno sob a ótica da criticidade cínica, é estabelecer uma intimidade entre os saberes filosóficos fundamentais aos estudantes e a experiência social que eles têm como sujeitos da sua comunidade, do seu país e do mundo. É importante levar sempre em conta as experiências que os estudantes tem do mundo; embora a maioria ainda sejam jovens (quando pensamos em estudantes do Ensino Médio) não podemos cometer o erro de tratá-los como meros receptores ingênuos. Por esse motivo o professor deve procurar fazer o papel de instigador da curiosidade e criticidade dos estudantes no ambiente escolar.

Não obstante, alguns reacionários dirão: “A escola não tem nada a ver com isso! Tem que se ensinar os conteúdos e só, uma vez aprendidos, estes operam por si próprios” (FREIRE, 2015, p.30). Ora, agir dessa maneira nos parece claramente fugir da responsabilidade docente da qual viemos discutindo. Da mesma maneira que, se a Filosofia perde seu aspecto crítico de problematizar o mundo é como se perdesse totalmente o seu sentido fundamental, o pensar. “A tarefa coerente do educador que *pensa certo* é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de interligar, desafiar o educando com quem se comunica, a quem comunica, a produzir sua própria compreensão do que vem sendo comunicado” (FREIRE, 2015, p.39).

Esse conceito freiriano do *pensar certo* se alinha indubitavelmente com prática reflexiva que volta a si mesmo, isto é, uma reflexão sobre a prática, o que Paulo Freire chama de *curiosidade ingênua* que, à medida que vai se percebendo como tal, vai se tornando curiosidade crítica.

Por fim, Freire nos chama a atenção para este conceito de *curiosidade ingênua* (ou senso comum) por que, tanto o educador quanto o educando devem ter essa curiosidade intrínseca dentro do processo formativo, de tal modo que através dessa prática a mudança ocorre para uma *curiosidade epistemológica*⁴³. Que aliás, é justamente essa curiosidade que faz com que a formação seja permanentemente voltada para uma criticidade plausível. Neste sentido,

O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento epistemológico” da prática enquanto objeto de sua análise deve dela “aproximá-lo” ao máximo (FREIRE, 2015, p. 40).

O professor que realmente deseja fazer do seu ofício um saber voltado para a democracia, para ética e emancipação do conhecimento, uma filosofia condizente com a vida prática, deve procurar dar o exemplo em suas próprias atitudes. Entretanto, o que se espera do professor é a seriedade com o seu fazer, segurança da sua argumentação, sua instigação filosófica, liberdade de pensar, mas também pela sua generosidade.

Essa postura do professor que se relaciona no ambiente escolar e, por sua vez na sala de aula e no contato direto com os estudantes, conecta inúmeras relações do cotidiano e formas de pensar. Tais formas de pensar exige uma postura como o já dissemos, mas essa postura não se deve valer somente ao professor de filosofia. A postura de liberdade, ética, crítica, filosófica, generosa e emancipatória deve ser guia de toda a comunidade. Não obstante, devemos ter o cuidado para que esses conceitos não caiam num simplismo qualquer. Num simples repetir de frases bonitas.

Por isso, julgamos a postura crítica e reflexiva como o alicerce fundamental da educação. Educação que pensa o mundo e o transforma. Reflexão crítica e postura prática como a postura dos cínicos do seu tempo. Todavia, sem cair num anacronismo, uma vez que devemos pensar na nossa própria realidade. Talvez devamos também imaginar uma postura cínica de vida? um Diógenes professor de Filosofia? um estudante cínico no Ensino Médio? porque não?

3.3 Postura cínica de vida

⁴³ De acordo com Paulo Freire a curiosidade epistemológica é construída pelo exercício crítico da capacidade de aprender. É a curiosidade que se torna metodicamente rigorosa e, se opõe à curiosidade ingênua que caracteriza o senso comum.

Gostaríamos de começar nosso tópico com uma citação sobre Diógenes sobre sua postura cínica de viver.

Nele, deparamos com um homem obviamente inteligente e estudado, vivendo no seio da mais refinada e sofisticada cultura dos tempos antigos, gozando os benefícios da mais aberta e acolhedora de qualquer uma dentre as nações do período clássico e batendo cotovelos com os mais insignes intelectos do mundo ocidental (NAVIA, 2009, p. 107).

Essa citação nos diz muito sobre a postura cínica de ser. Embora Diógenes tenham sido rechaçado como um Sócrates louco por Platão, se for analisar a essência do seu pensamento e da sua conduta veremos que ele não era tão louco assim. Sem dúvida, viveu num período promissor do pensamento ocidental e teve lá seus embates intelectuais. Mas não sem justificativa. Pois, primeiramente uma postura cínica não deve ser confundida com uma postura anárquica e radical. Não deve ser confundida com uma loucura, ou um despudor sem sentido e aleatório. Mas o contrário, um pudor racional que pode servir de guia para a vida ou ao menos contribuir para a formação crítica num modo de vida. No mínimo, que possa servir como uma técnica para olhar o mundo por outra via que não seja a mais convencional.

O que se poderia esperar de um treinamento cínico para a vida? Como isso poderia se dar como guia de vida? Que metodologia ou metodologias o compõe? É necessário um manual? Acreditamos que não! Contudo, é necessária uma práxis, e tal práxis é a oposição ao *nómos*, mas não uma oposição qualquer, e sim uma oposição crítica diante dos valores, uma reflexão e questionamento de tudo que possa ser considerado digno de reflexão.

O que desejamos com essa postura cínica de refletir não é chegar nem indicar qualquer resposta homogênea das coisas. Na verdade, o intuito é justamente apenas esse exercício de tudo se questionar no âmbito do raciocínio filosófico. Nesse sentido, é arriscar-nos numa proposta que junte ao menos três elementos fundamentais e iniciais do modo de vida cínico, isto é, o pensamento crítico, o cuidado de si e a liberdade. Embora acreditemos que todos esses conceitos já estejam imbricados uns nos outros.

A postura cínica que defendemos no âmbito do ensino não é guiá-los para um modo específico de vida, mas apenas ajudá-los a repensar seus modos de vida. Tendo em vista que, para os estudantes do Ensino Médio deve-se ter uma certa “polidez” quanto a estas questões. É importante não confundir nossa prática com um projeto de vida. Embora o projeto de vida tenha sua importância, não é nosso objetivo aqui descrever um.

A intenção não é forçar os estudantes a decidir seu futuro apressadamente, mas sim ajudá-los a ter consciência de suas escolhas. Que possam refletir e escolher com consciência à meta de vida para si. Logicamente, porque serão e são, na medida do possível, responsáveis por suas escolhas. O mundo vive em constante mudança. O que acontece cada vez mais e com maior impacto na nossa sociedade são propagandas massivas de como ganhar dinheiro, fórmulas milagrosas de sucesso e a fragmentação do pensamento crítico frente a isso. Vemos uma crescente introdução do ensino de profissões técnicas dentro das escolas, ou seja, formar para o mercado de trabalho. Por isso, é de grande urgência que a Filosofia tome posicionamento sobre tais questões. Nossa posição é se fazer valer no ambiente dentro da sala de aula, na relação professor e aluno e os textos de Filosofia para se pensar o cotidiano criticamente.

Por isso, esclarecemos que não buscamos problematizar questões amplas sobre a introdução de disciplinas que visam uma tecnicidade dos estudantes para o mercado de trabalho. Questões de projeto de vida dentro da BNCC, etc. Essas questões que envolvem o ensino de filosofia nas escolas são de grande importância, sem dúvida! Porém, nosso objetivo é pensar na criticidade que o cinismo tem diante do mundo e como isso pode ultrapassar a relação professor e aluno, os textos de Filosofia e se fazer palpável no contexto do dia-a-dia dos estudantes.

A prática de aprendizagem numa perspectiva cínica engloba justamente uma criticidade diante da vida, procura se fazer crítica, demolidora de posturas escravizadas, sejam elas físicas ou intelectuais, busca sair da zona de conforto e da inércia. A busca da felicidade é a meta final de todo o processo reflexivo de um modo de vida. Por isso, muitas vezes se opõe e é contrária ao *nómos* social. Nesse sentido o cinismo serve para o enfrentamento da vida, mas não só isso, procura também deixar claro que a busca da felicidade envolve escolhas; e nossas escolhas tem consequências e responsabilidades.

A felicidade, o soberano bem, a alegria, a finalidade hedonista supõem a ausência de perturbações, a paz, a serenidade da alma, a saúde do corpo, a harmonia mantida ou recuperada. Conhecer a lógica dos desejos com que estamos lidando, reconhecê-los em sua diversidade confusa e misturada, saber como responder a eles, evita-los, nada ignorar das consequências de uma satisfação ou de uma recusa a satisfazer são operações que permitem alcançar a verdade hedonista (ONFRAY, 2008, p.196).

Felicidade como finalidade hedonista, porque o cinismo é também uma Filosofia hedonista, mas não um hedonismo qualquer. O prazer que o cínico busca é o prazer de ser livre, de ser racional, prazer de viver com pouco e de fazer oposição as convenções sociais. Prazer em provocar, deixar as pessoas cientes das suas responsabilidades, de suas escolhas perante o

mundo, nada mais. A postura cínica no âmbito escolar não foge à regra, de modo que também deve deixar claro aos estudantes suas responsabilidades como sujeitos no mundo. “Se o mundo dos homens está arruinado, é porque *nós* nos arrastamos até essa condição lamentável. Extraviamo-nos em épocas imemoráveis” (NAVIA, 2009, p.109).

Por isso, a postura cínica que descrevemos tem um papel crítico e uma responsabilidade com a vida. Uma ligação com o cotidiano prático que perpassa a sala de aula numa relação de professor e aluno, textos filosóficos e o mundo. Relação próxima porque isso está imbricado na própria vida. Relação com as políticas do Estado, relações pessoais, interpessoais, éticas, culturas, sociais. Pensar sobre essas questões é pensar também toda uma criticidade sobre o que envolvem as leis do nosso país, as relações com outros países, questões de saúde, alimentação, meio ambiente e muitas outras. Todas essas esferas passam pelo convívio comum e a relação de todas as pessoas que vivem em sociedade de uma maneira geral.

Sumariamente o que o cinismo poderia pensar relacionado a isso, é uma espécie de *tékne* contra o *nómos*. E essa *tékne* vai se radicar numa disciplina mental e corporal. O cinismo procura provocar, para deixar as pessoas cientes das suas responsabilidades de escolhas perante o mundo. Porque, essa postura filosófica tem uma preocupação muito mais com a vida prática, vida hoje, vida agora. Do que puramente teórica. Não é um ponto isolado, mas pontos isolados como um todo e o todo como pontos isolados, ou seja, a reflexão filosófica com a prática de vida do dia-a-dia.

O cinismo tem características de pensar a realidade imanente. Se olharmos para os epicuristas, atomistas, cínicos e céticos. Todas essas filosofias assim chamadas hedonistas são posturas mais imanentes de se pensar na realidade prática. Então a filosofia se faz presente; e quando ela se faz presente ela tem uma postura, tem uma responsabilidade com a vida. Responsabilidade com o mundo, com as pessoas, urgente contra as mazelas do mundo. Porém, a filosofia cínica não é uma filosofia do desespero, um mergulho existencial.

É mais uma postura filosófica que diagnostica corretamente e identifica, talvez cruelmente, as chagas e as mazelas que permeiam a condição humana dessa e qualquer outra época, apontando o caminho (rude e brutalmente tanto quanto possível) que pode aliviar ao menos em parte tais chagas e mazelas. A doidice dos homens, teria dito Diógenes, tem cura, o que explica o zelo missionário com que ele e seus seguidores perseguiram sua missão filosófica como médicos da mente (NAVIA, 2009, p.109).

E trazer essa maneira de refletir para o Ensino Médio é também trazer essa responsabilidade de “cura” para os estudantes, isto é, para o mundo. E isso pode ser transmitido

através do conhecimento e da reflexão crítica. Deve-se refletir, não ser joguete dos meios de controle sociais, de obedecer às suas pulsões. Mas para isso é necessário primeiro identificar quais são esses possíveis meio de controle e amarras. Para identifica-los, o estudante de filosofia deve refletir, meditar, pensar e calcular sobre a vida.

A postura cínica do professor que intervém em sala de aula, não é apenas do professor, pois tal postura já existe nos estudantes. Apenas cabe a eles descobrir e aflorar seus pensamentos. É fato que cada estudante produz uma narrativa o qual se vai dando sentido quando confrontada com outras vidas, porque juntas, compõem um mesmo espaço semântico. Da reflexão pessoal passa-se a uma reflexão bilateral que se configura numa nova maneira de ver o mundo. Nesse espaço, é impossível ficar isento de afeto, seja ele em grupo, seja ele puramente solitário e individual.

Essa crítica diante do mundo, pode vim numa crítica através de um cuidado com os animais, pode ser uma questão de meio ambiente, política, ideológica, pode ser uma luta por classe, pode ser também pensar questões sobre determinado preconceito, racismo, homofobia etc. Essa postura visa dá uma certa “cutucada” no sujeito. O cinismo no sentido dessa relação com o mundo, talvez possa trazer esses questionamentos de forma mais livre e tendo em mente um certo cuidado de si no tratamento escolar. No fazer-se do dia-a-dia em sala de aula, ainda que alguns estudantes não comentem muito, não falem muito por timidez. Esperamos que possam fazer reflexões sobre os textos de filosofia e a vida, que os tire da zona de conforto.

Pode ser qualquer tipo de questão, mas que o estudante sinta o real sentido de estudar filosofia, uma vez que a filosofia tem esse papel de provocar. Tendo sido provocado de alguma maneira pela filosofia, seja de que espécie for. Acreditamos que a reflexão filosófica na perspectiva cínica, possa de alguma maneira, contribuir para a vida. E até de “incendiar” um pouco as coisas.

A filosofia só pode reter sua influência, sua força de convicção geral, se for aplicada aos objetos da vida e do mundo. Ele próprio contém apenas os germes capazes de fertilizar as vastas terras da humanidade. É tarefa do filósofo prático favorecer, a partir da filosofia, o desenvolvimento desses germes em sua relação com os diversos objetos da vida. (ONFRAY, 2007 p. 26)⁴⁴.

A postura cínica tem a ver com uma certa rebeldia dos acontecimentos, mas não dos acontecimentos de qualquer espécie. Essa rebeldia deve se estender e se direcionar à fatos

⁴⁴ Tradução nossa.

lógicos e bem fundamentados. Do mesmo modo, é necessário aprofundar os debates em sala de aula e mesmo fora da escola para um maior aproveitamento reflexivo.

Entretanto, tal postura leva um tempo para ir se formando como disciplina, constância e resistência. Por isso ressaltamos a importância de se pensar em novas práticas educativas para o Ensino Médio. Dentro dessa perspectiva acreditamos que os cadernos de notas como o dos *hypomnemata* possam servir como utensílio de proximidade dessas reflexões e que contribuam para que tais reflexões não fiquem engessadas dentro da sala de aula, mas que essas reflexões possam ser trazidas para a vida dos alunos. Então entendemos que para uma postura crítica para a vida, os cadernos de notas são uma espécie de exercício; são os exercícios imanentes de uma reflexão teórica que ajuda no pensamento crítico, de uma reflexão sensível. Mais que isso, que se torne prática e que se traga para vida.

Os cadernos de notas se tornam então um instrumento, porque o cuidado envolve tempo, envolve disciplina, envolve foco. No nosso próximo tópico que se segue, buscaremos descrever como os cadernos de notas dos estudantes podem se relacionar com as aulas de Filosofia e suas contribuições para a reflexão filosófica baseadas na prática de aprendizagem na perspectiva cínica.

3.4 Caderno de notas dos estudantes⁴⁵

As práticas da boa leitura são fundamentais para uma boa escrita; e uma boa escrita só acontece (ao menos de uma maneira geral) com um leque de conhecimentos pré-estabelecidos, isto é, com leituras, e assimilação dos conhecimentos pela reflexão.

Como vimos no tópico que trata dos cadernos de notas dos *Hypomnemata*, vimos quão importante foi para os filósofos estóicos a prática de leitura e escrita. Do mesmo modo, suponhamos na sua importância para os estudantes do Ensino Médio. De maneira que

⁴⁵ Os cadernos de notas para os estudantes são o justo produto da pesquisa. Embora não tenhamos coletado o material nos alicerces da prática educativa do dia-a-dia, ela não deixa de ter o seu valor. Sabemos da importância da exigência do Prof-Filo sobre a pesquisa em campo, de estar em sala de aula para a coleta de dados. Todavia, por circunstâncias de força maior não foi possível ao mestrando que aqui vos fala estar inserido numa determinada sala de aula. Mas nem por isso o trabalho necessário no que toca a pesquisa foi deixado de lado ou ignorado, pelo contrário. Este foi um obstáculo que procuramos ultrapassar. Nesse sentido foi construído o método referente à pesquisa que aqui descreveremos. É importante lembrar também que o método que vamos procurar descrever poderá ser usado em qualquer tempo, período e por qualquer professor em sala de aula. Sem também nos esquecer que é um entre tantos possíveis que estão inseridos no Prof-Filo, e outros tantos espalhados pelo país.

acreditamos que os cadernos de notas servem para guardar as reflexões feitas em sala de aula e fora dela, resguardar os ditos, escritos e pensamentos já mencionados anteriormente. São esses diários que vão compondo e contribuindo para o arcabouço teórico do estudante para toda a vida.

Nossa atividade prática em sala de aula além de procurar fortalecer os laços entre professor e aluno, busca trazer a experiência, reflexões e indagações dos estudantes para uma análise crítica. E que possam contribuir ou delas sair dos cadernos de notas.

A ideia é voltada para estudantes do Ensino Médio, para que produzam um “diário”, onde possam fazer anotações das aulas e dos textos de filosofia, mas não só dos textos e das aulas; como também sobre suas reflexões, indagações e todas as questões de qualquer teor sobre a vida e o mundo. A partir dos textos e das conversas o professor procura estabelecer um *problema filosófico*, isto é, uma indagação, ou melhor, uma pergunta ou perguntas; pergunta essa que se dá como objeto de investigação inicial, relacionada à vida e não restrita ao campo da Filosofia e da sala de aula. A proposta tem como meta a produção dos cadernos de notas que servirá como intervenção pedagógica para o pensar filosófico.

O que chamamos de *problema filosófico* gira em torno de perguntas inerentes e significativa para qualquer estudante de Filosofia, embora não se restrinja ao campo epistêmico da Filosofia. Refiro-me aqui a modos de vida e suas práticas pedagógicas. Claro, de maneira muito singular, pois o desejo é ligar o Ensino de Filosofia com a vida dos alunos e suas práticas de vida para o pensar filosófico.

Visto isso, relacionando os textos de filosofia como pano de fundo, vamos ao exemplo de como um texto poderia ser trabalho em sala na nossa *Prática de Aprendizagem numa Perspectiva Cínica*. O exemplo exposto serve apenas como modelo ao pontapé inicial. O texto a ser escolhido é apenas uma referência simbólica, pois nesse caso poderia ser qualquer outro, o que desejamos enfatizar é a prática do exercício dentro do ambiente escolar ou fora dele como um todo.

3.4.1 Intervenção⁴⁶

⁴⁶ A seguinte proposta está de acordo *Documento Curricular do Território do Tocantins, Etapa Ensino Médio pelo Conselho Estadual de Educação – Dezembro de 2021*.

Peguemos o texto de Rubem Alves como exemplo, denominado *A Escola da Ponte* publicado no livro: *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir* (2001)⁴⁷. Começamos com uma indagação pertinente relacionada ao texto: *Qual seria o tipo ou modelo de escola ideal?* Essa questão coloca as claras questões sociais de modo bastante amplo. Mas o que nos interessa, isto é, nosso objetivo, é que tal pergunta seja indagada pelos próprios estudantes. Em outras palavras, que o professor consiga extrair deles o gosto pela reflexão do problema, ou seja, que procurem refletir o modelo de escola que julgam ser “ideal” para eles. Ouvir dos próprios estudantes e não dos representantes do poder do Estado.

O professor pode inclusive ter a liberdade de fazer relações com outros autores e textos. De modo que a prática de aprendizagem cínica zela por uma conduta livre! Essa ligação poderia por exemplo; ser feita partindo de um campo genealógico foucaultiano que visa analisar o poder em seu contexto prático, ou seja, o exercício concreto do poder. Um poder que se ocupa da produção dos discursos, produção de verdades e das práticas discursivas da sociedade. Trabalhar o poder não fixo das mãos de um sujeito, mas que circula nas relações dos indivíduos etc. O intuito interventivo é trazer reflexões práticas do porquê a escola em sua estrutura funciona de uma maneira e não de outra, quais são as relações de poder que justificam o funcionamento de tal instituição. O intuito inicial foi perguntar pelo tipo modelo de escola ideal e mobilizar a classe, isto é, os estudantes, mas no decorrer do processo outros problemas e questionamentos veem surgindo, cada um ao seu tempo e seu modo.

Nesse sentido os cadernos de notas vão sendo preenchidos pelos estudantes no decorrer do Bimestre. O objetivo é buscar fazer com que reflitam sobre as aulas, os textos, a vida, o mundo etc. Movimentar toda turma a problematizar o tema. Farão isso registrando seus pensamentos e ideias nos “diários”, à medida e ao tempo de cada um. Como dito anteriormente o exemplo do texto *A escola da Ponte* de Rubem Alves e posteriormente sua ligação com o Poder em Foucault serviram como referências iniciais para se pensar o nosso modelo de escolas, de educação, as estruturas institucionais e uma gama de questões que possam vir surgindo. Os cadernos de notas, também poderão se tornar um dos processos de avaliação no final do

⁴⁷ É uma escola em Santo Tirso, no distrito do Porto, em Portugal, cujo método de ensino se baseia nas chamadas Escolas democráticas e numa educação inclusiva. Assim como será igualmente a primeira escola, no contexto histórico mundial, a exercer a chamada educação integral. Integra o Ponte, que defende, desde sempre, a promoção da autonomia e da consciência cívica dos alunos, privilegiando o seu progressivo envolvimento nas tarefas e na responsabilidade de gestão da escola. O estreito envolvimento da comunidade educativa na tomada de decisões, nomeadamente, na organização da escola e nos processos de aprendizagem, reforça a ideia de que a democraticidade e o respeito pelos interesses dos alunos sobre os demais intervenientes da ação educativa são princípios fulcrais deste projeto. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Escola_da_Ponte>. Acesso em 16 de novembro de 2022.

Bimestre escolar. Na verdade, é um dos registros dos estudos feitos pelos alunos dentro e fora da sala de aula, é a parte objetiva e prática manifestada das reflexões dos problemas, o material.

As anotações nos cadernos de notas dos estudantes, podem ser feitas a partir de todos os textos lidos, de todas as reflexões feitas em sala de aula e fora dela. Dos temas trabalhados durante o Bimestre e, se o professor achar necessário combinar com a turma, podem servir para todo o ano letivo. Não há regra fixa.

A questão da prática de aprendizagem numa perspectiva cínica, como já dissemos, tem o intuito de buscar outros métodos de trabalhar a Filosofia em sala de aula. Contribuir e acrescentar para o ensino de Filosofia nas escolas. Objetiva experimentar diferentes tipos de recursos para o desenvolvimento das atividades propostas com o uso livre do pensamento e das ideias dos próprios estudantes. Conscientização dos alunos em relação aos temas/problemas.

Mas de que maneira isso seria feito? Qual seria a dinâmica objetiva dentro das possibilidades de intervenção nos planos de aula? Penso que a atividade poderia ser dividida em momentos, considerando que uma determinada turma tenha uma aula de Filosofia por semana.⁴⁸ A ideia dos cadernos de notas é trabalhar também a interdisciplinaridade, caso seja possível. Por exemplo: nas aulas de língua portuguesa poderia ser realizado o estudo do texto de Rubem Alves⁴⁹. Essa relação entre duas ou mais disciplinas, ou áreas de conhecimento, tem o intuito de melhorar o processo de aprendizagem, além de favorecer a relação entre professores e estudantes. Vejamos abaixo como nosso modelo sobre o texto *A escola da Ponte* se dá nesse processo que formulamos.

Tabelas das Etapas

Etapa 1	Nas primeiras aulas de Filosofia do Bimestre, iniciariamos expondo a ideia a respeito do caderno de notas, depois a exposição do texto pelo professor e a leitura do mesmo pelos alunos. De maneira a buscar alimentar uma tempestade de ideias provocadas a partir de perguntas e questionamentos, tais como: O que seria a escola ideal para você? Como você se sente nesta escola? O que você gostaria que fosse diferente? A nossa escola é democrática? Esse processo inicial
---------	--

⁴⁸ A quantidade de aulas necessárias para a execução da atividade pode variar de acordo com cada escola, com o currículo da instituição ou qualquer outro fator convergente da dinâmica escolar.

⁴⁹ Caso não seja possível seria organizado dentro das aulas de Filosofia mesmo, uma vez que, geralmente, mas não sempre, são trabalhados textos filosóficos nas aulas de Filosofia.

	<p>permitirá o levantamento de conhecimentos prévios que cada estudante tem em relação aos novos conteúdos de aprendizagem.</p>
Etapa 2	<p>No segundo momento, seguir com um estudo dirigido entre outras metodologias em sala. Na continuidade das aulas, estimular a leitura dos textos de filosofia, procurando pontuar pontos importantes e observar o interesse dos estudantes sobre os temas. É importante buscar criar um roteiro de estudo do texto que facilitará para que os estudantes possam refletir sobre essa integração entre a situação real vivida por eles com o texto, e para, além disso, já pensar nas instruções sobre a ação a realizar. As sugestões para o estudo dirigido seriam: classificar, aproximar, distinguir as diferenças e semelhanças entre o texto e a nossa realidade; localizar no tempo e no espaço trajetórias e eventos ou situações vivenciadas em nossa escola que possam ser repensadas, tendo como base alguma atividade desenvolvida na Escola da Ponte; avaliar, julgar, discutir e atribuir valores; apreciar e criticar; induzir, observar e propor ideias; compreender relações necessárias e justificar logicamente a ideia central do texto em estudo. A atividade proposta visa problematizar a situação real da escola e buscar estimular, preparar e assimilar a nossa realidade com o estudo dos textos propostos.</p>
Etapa 3	<p>No terceiro momento, a sugestão é criar uma lista dos aspectos positivos e negativos que os alunos pensaram e escreveram no caderno de notas sobre o texto, dos seus problemas, dos seus pontos de vista e ideias. Como também promover uma chuva de ideias de como revelar a realidade da vida em seus cotidianos, o cotidiano na escola. Nesse sentido, o professor em sala vai mediando e acrescentando perguntas norteadoras para conduzir os momentos das aulas. O que podemos captar em nosso espaço? Quais as situações gostaríamos que merecessem destaque? Os momentos recreativos? As aulas? A socialização entre professores, estudantes e demais funcionários da</p>

	<p>escola? Quais são as particularidades da nossa escola? Vamos nos dividir em pequenos grupos de trabalho para a leitura dos outros textos?</p>
<p>Etapa 4</p>	<p>No quarto momento seria a hora de fazer uma prática cínica reflexiva mais contundente e aflorada. As perguntas já não carregariam um teor tão brando, mas um cinismo que afronta diretamente o <i>nómos</i>.</p> <p>Como referência, usamos algumas indagações trabalhadas por Michel Onfray na obra <i>Antimanual de Filosofia</i>. Vejamos:</p> <p>A primeira pergunta que o autor tenta responder é especialmente contundente, até mesmo escandalosa: "É preciso começar o curso queimando na fogueira o professor de filosofia?" O seguinte também surpreende o leitor: "Ainda há muito de chimpanzé em você?" "Você já comeu carne humana?" "Por que vocês não se masturbam no pátio da escola?" "O que a Mona Lisa está fazendo na sala de jantar dos seus avós?" "A partir de que ponto um mictório pode se tornar uma obra de arte?" "Você poderia ficar sem o seu celular?" "Por que seu instituto foi construído como uma prisão?" "Você deixaria seus filhos acessarem páginas pornográficas da Internet?" "É necessário jogar fora as regras da sua escola?" "A polícia existe para sistematicamente tornar nossas vidas miseráveis?" «O que você está dizendo quando escreve em sua mesa "Não há futuro"?» "Seu sucesso no ensino médio está escrito nas estrelas?" "É absolutamente necessário mentir para ser Presidente da República?"</p>
<p>Etapa 5</p>	<p>Na quinta etapa, é o momento da interdisciplinaridade entre os textos. É o momento de deixar correr solta a imaginação dos estudantes, deixar que façam suas anotações livremente. Que suas anotações nos cadernos de notas passem por suas próprias reflexões. Nesse momento o professor continua com as aulas e trabalhando outros temas/problemas e textos. É o momento onde os cadernos se tornam "menos escolares", isto é, é a hora de deixá-los à vontade para fazerem suas anotações livremente.</p>

Etapa 6	<p>No sexto momento, será uma celebração. Pode-se propor uma oficina em sala para a escolha de algumas anotações, ditos, frases e ponderações dos estudantes para se colocar no mural da escola, gravados numa cartolina feito também pelos estudantes ou até mesmo apresentações orais de suas ideias e experiências. Ao longo de todo o processo de discussão dos textos, organização dos cadernos, os estudantes terão contato com diferentes situações sociais que envolverão conversas e socializações. Por isso, proponho esse momento como uma celebração. É o momento em que os jovens mostrarão seu protagonismo e criatividade, além de mostrar o que aprenderam e construíram nestes dias de grande empenho. É importante lembrar que penso envolver os estudantes na organização dessa confraternização. Escolher estudantes para fazerem as mediações, outros para compartilhar suas experiências, outros para organizar o espaço, enfim, o objetivo é valorizar a troca de saberes, reforçando a importância de repensar em outros modelos de escola, assim como a reflexão filosófica.</p>
Etapa 7	<p>Na última etapa, seria a possível avaliação, possível porque há de ver a necessidade de tal ato⁵⁰. Em todo caso, ela se fará através da proposta dos cadernos de notas, que terá como critério a observação dos estudantes, levando em consideração quesitos como interação, participação dentro do grupo e a maneira como se desenvolveu o trabalho em equipe nas atividades, participação das discussões em sala. Esperamos que com tais atividades os estudantes possam os utilizar para pensar melhor, estar melhores preparados para compreender o mundo e, eventualmente, atuar sobre ele. Conciliando exercício filosófico e as preocupações da vida cotidiana.</p>

⁵⁰ Não existe nenhuma obrigatoriedade em entregar o material para que seja avaliado pelo professor. Os cadernos de notas não são um o material avaliativo. Pois eles servem mais como uma ferramenta que ajude a compreensão da filosofia e os ajude da reflexão da vida no dia-a-dia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, nossa investigação é voltada para o Ensino de Filosofia, na busca de criar novos métodos para aplicar a Filosofia dentro das escolas brasileiras. No que tange nossa pesquisa, ela se baseou nos Exercícios Filosóficos da corrente do cinismo antigo. Exercícios que se dão através do cuidado de si, de uma *àskesis* e de uma *autarkéia* como modo de vida. A prática de aprendizagem que desejamos contribuir se alicerça numa maneira prática de pensar. Voltada para um cuidado de si como modo de vida através da relação professor e aluno, juntamente com os textos de filosofia e os cadernos de notas. Pois, tais exercícios vão sendo “treinados” a partir das leituras e escritos nos cadernos de notas com um arcabouço teórico que vai se construindo passo a passo. Por isso, vemos neles um poderoso aliado para se tratar de temas filosóficos nas salas de aulas.

O objetivo buscado, é tentar fazer com que os estudantes tenham um maior interesse pela Filosofia. Maior interesse pela reflexão e que possam agregar esses valores em suas vidas práticas e cotidianas do dia-a-dia. Essa reflexão filosófica garante uma maior autonomia dos envolvidos perante o mundo. Uma maior criticidade diante dos acontecimentos inerentes da vida propriamente dita.

A figura da Filosofia cínica serviu nesse contexto como a fundamentação teórica para se pensar a realidade concreta. Para se pensar uma crítica perante as questões mais fundamentais do viver prático. Sua retórica, seu modo de vida, seu compromisso com o uso da razão correta, prática de liberdade e liberdade de fala, podem contribuir imensamente para se pensar a realidade do nosso tempo. O cinismo é inquieto com o mundo, com as instituições e com aquilo que os homens acham mais necessários para viverem felizes. Desse modo, colocar esses modos de vida sob uma ótica cínica faz-se mais necessário.

No que tange sua introdução como prática de aprendizagem reforçamos o seu caráter questionador do modo de vida “comum”. Sua luta constante contra o *nómos* estabelecido como correto e modelo a ser seguido por todos.

Os aspectos importantes que permearam nossa pesquisa, foram também, sem dúvida pensar no cuidado com que devemos ter no ambiente escolar como educadores, como sujeitos cidadãos de uma comunidade e nossa prática do dia-a-dia. Nesse sentido, procuramos trabalhar a parte prática com leituras e problemas que forem aparecendo em sala de aula. Para que esse processo de ensino e aprendizagem entre o professor e aluno permeie para além do ambiente escolar, uma prática contundente de filosofar para a vida.

Ainda, espera-se que o uso dos cadernos de notas como o dos *hypomnēmata* traga juntamente com a perspectiva cínica uma nova metodologia de ensino e aprendizagem para o Ensino de Filosofia, não como uma receita pronta ou um manual de intuito informativo sobre a história da filosofia. Também se espera-se que tais cadernos sejam ferramentas e instrumentos para que os alunos reflitam sobre sua condição atual e que projetem mudanças concretas para o seu futuro. Neste sentido o lugar do professor em sala de aula confere estabelecer certos métodos que conferem um ensino de qualidade, uma vez que enfrentam no dia-a-dia a situação de ensinar com justeza.

É justo dizer que há ainda muitas questões que precisam ser respondidas, vistas e revista com mais afinco quando se trata do Ensino de Filosofia nas nossas escolas. Em todo caso, procurou-se tratar dos Exercícios Filosóficos numa prática de aprendizagem cínica, no intuito de contribuir para que observarmos com mais criticidade os pontos marcantes da vida, do nosso tempo e dos problemas recorrentes que tanto nos aflige como sociedade e darmos mais atenção aos problemas atuais.

Visto isso, conclui-se o presente trabalho acreditando que de alguma maneira nossa pesquisa possa contribuir com o Ensino de Filosofia e a pesquisa filosófica. E que não fique restrita somente ao campo da filosofia tais problemas, que se possa ter na Filosofia cínica mais um parâmetro para a investigação ética e social, que se possa pensar no espaço à nossa volta, na nossa sociedade junto com o aspecto da vida de cada pessoa em sua totalidade. O que é desejável é abrir caminho para um ensino de Filosofia não dogmático e mais democrático.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir** (Papyrus Editora, Campinas, SP, 2001 e Edições Asa, Porto, 2001).

ARISTÓTELES. **Retórica**. Coordenação de António Pedro Mesquita. 2º ed. Imprensa Nacional-Casa da moeda, 2005.

BRANHAN, R.B & GOULET-CAZÉT, M.O. **Os cínicos**: o movimento cínico na antiguidade e o seu legado. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2007.

CEPPAS, Filipe. **Ensaio de filosofia nos trópicos**: questões de ensino e aprendizado. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2019.

_____ **Comendo meu caderno de notas** (por uma didática antropófaga do ensino-aprendizado da filosofia). Das Questões, n.2, fevereiro/maio 2015.

DINUCCI, Aldo. **Diógenes, o Cão**, Ditos Célebres, Comentários, Epigramas: In: Revista Viva Vox- DFL – Universidade Federal de Sergipe ano 3 - nº 5. Janeiro-Junho / 2010. Disponível em. <https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/752>. Acesso em: 11 de Setembro de 2018.

Documento Curricular do Território do Tocantins, Etapa Ensino Médio pelo Conselho Estadual de Educação – Dezembro/2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. – 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FOLSCHEID, Dominique. **Metodologia filosófica**. Dominique Folscheid, Jean Jacques Wunenburger; Tradução Paulo Neves. – 4º ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A Coragem da Verdade**, O Governo de Si e dos Outros II. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

_____ **Parrhesiasts – Diogenes: The cynic philosophers and their techniques.** Excerto de um seminário dado por Foucault em público no Campus UC Berkeley em 1983. Disponível em: <http://foucault.info/documents/parrhesiasts/foucault.diogenes.en.html>. Acessado em: 05/09/2019.

_____ **A escrita de si. In: O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

_____ **A hermenêutica do sujeito**, Tradução Márcio Alves da Fonseca / Selma Tannus Muchail - 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GOBRY, Ivan. **Vocabulário grego da filosofia**; tradução Ivone C. Benedetti ; revisão técnica Jacira de Freitas; caracteres gregos e transliteração do grego Zelia de Almeida Cardoso. - São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

HADOT, Pierre. **Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga.** Tradução Flavio Fontenelle Loque / Loraine Oliveira. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____ **O que é a Filosofia Antiga?** Tradução Dion Davi Macedo. 6ºed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego.** Tradução Artur M. Parreira. 3ºed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1994.

LAËRTIOS, Diógenes. **Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres.** Tradução do grego, introdução e notas Mário da Gama Cury. 2.ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

LEITE, Maria. **Cinismo: Forma de vida, Modo e Gozo.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

MATSDORF, Bruno Karl. **Antístenes e a Fundação do Cinismo.** PROMETEUS - Ano 9 - Número 19 – Janeiro-Junho/2016 - E-ISSN: 2176-5960. Disponível em > <file:///D:/Mestrado%20UFT/Pesquisa%20Mestrado%20%20Cinismo%20e%20outros%20textos/ANT%C3%8DSTENES%20E%20A%20FUNDA%C3%87%C3%83O%20DO%20CINISMO.pdf>. Acesso em: 05 de Maio de 2021.

NAVIA, Luiz E. **Diógenes, O Cínico**. Tradução João Miguel Moreira Auto; tradução do texto grego Luiz Alberto Machado Cabral. São Paulo: Odysseus Editora, 2009.

ONFRAY, Michel. **Cinismos**, retrato de los filósofos llamados perros. Traducción de Alcira Bixio - 1º ed. - Buenos Aires: Paidós, 2002.

_____ **Contra-história da filosofia**: as sabedorias antigas. Tradução Monica Stahel. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

_____ **Antimanual de filosofia**. 4º ed. Madrid: Edaf, S.L, 2007.

PLATÃO. **Fédon**. Tradução Jorge Paleikat e João Cruz Costa. 1ºed. São Paulo: Abril Cultural, 1972.

DUDLEY, R.D. **Historia del Cinismo**, Tradução Juan Carlos Ruiz Franco. Madrid, 2017.

REVISTA do NESEF. **Teoria e prática do ensino da Filosofia**: metodologias e vivências filosóficas na Educação Básica. Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre o Ensino de Filosofia da UFPR; coordenação: Geraldo Beduino Horn e Valéria Arias; produção gráfica e artística: Murilo Rocha; conselho editorial: Alejandro Cerllete... et al., v.1, n.1 (2014).

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e religião na Grécia antiga**. Tradução Joana Angélica D' Avila Melo. - São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

ANEXOS

Modelo usado como referência para escrita do caderno de notas

RELATO DE LEITURA

TÍTULO

AUTOR

GÊNERO E-BOOK FÍSICO

INÍCIO TÉRMINO NOTA

RESUMO DO TEXTO

TEMAS PRINCIPAIS

FRASES, DITOS E PONDERAÇÕES

ANÁLISE CRÍTICA
